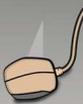


ACAFA

Nº 9 (2015)  On-line

NOTÍCIA DE PERAIS

Perais news

João Gomes Rodrigues



Vila Velha de Ródão, 2015

NOTÍCIA DE PERAIS

Perais news

João Gomes Rodrigues¹

Palavras-chave: Perais; Alfrívada, História; Etnografia; João Gomes Rodrigues

Key-words: Perais; Alfrívada; History; Ethnography; João Gomes Rodrigues

¹ João Gomes Rodrigues nasceu em Perais, ao tempo freguesia de Alfrívada, a 14 de Março de 1913. Era filho de Francisco Gomes e de Bárbara Rodrigues, residentes em Perais e naturais respectivamente das freguesias de Retaxo e de Perais. As fotografias anexadas pertencem ao espólio de Belmira Pires Honrado, cunhada do Autor.



Resumo

Utilizando como fontes diversos documentos escritos, o seu professor José Esteves e os seus pais e tendo como principais objectivos reunir o conhecimento disperso sobre a freguesia e concomitantemente divulgar a sua terra, o senhor João Gomes Rodrigues proporciona-nos um conjunto de *Notícia(s) de Perais* relativas aos séculos XVIII a XX.

O autor caracteriza os aglomerados populacionais da freguesia (Casa Telhada, Coutada, Locriz, Urgueira, Areias Brancas, Senhora dos Remédios, Vale de Pousadas, Monte Fidalgo, Alfrivída, além de Perais), alguns aspectos naturais (orografia, flora, fauna, solos, hidrografia, entre outros) e aspectos socioculturais (história, lenda, etnografia, demografia, arqueologia, educação, segurança, vias de comunicação, comércio e indústria).

Faz depois um levantamento exaustivo das necessidades de Perais e da sua freguesia (telefone, calcetamento e embelezamento das ruas, assistência médico-social, luz eléctrica, vias de comunicação, abastecimento de água, desenvolvimento turístico, urbanismo, higiene, boa vizinhança, outras) justificando-as e preconizando soluções, algumas de modo integrado com toda a região envolvente, incluindo o nordeste alentejano. Das propostas apresentadas realça-se a criação de um Grupo de Amigos de Perais para o qual apresenta, inclusivamente, um extraordinário e invejável programa.

É um documento que já contempla preocupações ecológicas, como por exemplo no que concerne ao abate de árvores ou ao despejo de materiais de construção nos campos.

Notícia de Perais termina com um curto apêndice contendo alguns usos e costumes de Perais.

Abstract¹

Using as sources many written documents, his teacher José Esteves and his parents, and having as main objectives to bring together the scattered knowledge of the parish and concurrently divulge their land, Mr. João Gomes Rodrigues gives us a set of Perais News concerning to the eighteenth to twentieth centuries.

The author characterizes the settlements of the parish (Casa Telhada, Coutada, Locriz, Urgueira, Areias Brancas, Senhora dos Remédios, Vale de Pousadas, Monte Fidalgo, Alfrivída and Perais), some natural features (orography, flora, fauna, soil, hydrography, etc.) and socio-cultural aspects (history, legend, ethnography, demography, archeology, education, security, roads, trade and industry).

After it does an exhaustive survey of the needs of Perais and its parish (telephone, pavement and street beautification, medical and social assistance, electricity, roads, water supply, tourism development, urban planning, hygiene, good neighborliness, amongst other) justifying them and recommending solutions, some in an integrated manner with the surrounding area, including the north Alentejo. Amongst the presented proposals is highlighted the creation

¹ Tradução de Mónica Vieira.

of a Group of Friends of Perais featuring an extraordinary and enviable program.

It is a document that already includes ecological concerns, like the chopping of trees or the dumping of building materials in the fields.

Perais news ends with a short appendix containing some Perais uses and customs.

Prefácio¹

É com um misto de sentimentos que nos propomos escrever esta pequena introdução.

Em primeiro lugar de Admiração e Respeito pelo tio João Gomes Rodrigues (1913-1948) que, não obstante nem sequer termos conhecido pessoalmente, sempre foi uma referência pelo trabalho que sabíamos tinha desenvolvido.

Depois um reconhecimento pelo cuidado do seu irmão Américo Rodrigues Gomes e família que souberam preservar a obra até ao presente e diligenciaram para que fosse divulgada.

E também de agradecimento aos membros da Associação de Estudos do Alto Tejo, concretamente João Carlos Caninas e Francisco Henriques, que já há

¹ A fotografia seguinte representa João Gomes Rodrigues, ao centro, com um grupo de amigos no adro da Igreja Velha de Perais (demolida).

algum tempo vinham insistindo para que esta obra pudesse ser publicada e que disponibilizaram o espaço da sua Revista, e o seu esforço técnico, para o efeito. Talvez a obra mereça ainda ser impressa em forma de livro, os Leitores o dirão, mas esta forma moderna de divulgação, que nem o próprio Autor sonharia, parece ser um meio ainda mais abrangente para atingir possíveis interessados na sua leitura e nos seus dados.

Quando o nosso Tio acabou de escrever esta Monografia, a data que consta no manuscrito é de 1947, tinha acabado há pouco tempo a II Guerra Mundial e, se bem que o nosso país não tivesse felizmente entrado diretamente nas hostilidades, era um período decerto de grandes dificuldades. Mas é impressionante a grandeza da visão de quem já na altura pugnava, por exemplo, pela eletrificação, a canalização de água, por um clube recreativo, e outros benefícios para a Freguesia de Perais que, só muito mais tarde foram entretanto alcançados, sem dúvida pela ação de quem lhe seguiu as pisadas e a visão.

João Gomes Rodrigues nasceu a 14 de Março de 1913, em Perais, na então freguesia de Alfrívada, filho de Francisco Gomes e de Bárbara Rodrigues.

Fez o exame de instrução primária em 1924 (14 val.) tendo entrado no Exército como apontador de artilharia em 1930. Fez carreira no Exército tendo atingido sucessivamente os postos de Furriel (1931), 2º Sargento (1935) e 1º Sargento (1939) sempre com boas classificações nos cursos respetivos, tendo obtido a classificação de 14,3 valores no curso de 1º Sargento.

Teve quatro irmãos – Maria, José, Américo e António, que infelizmente já não estão connosco. Ao contrário dele, todos os irmãos casaram tendo também já falecido os respectivos esposos, excepto no caso dos dois últimos, cujas esposas – Isaura e Belmira – nos beneficiam com a sua companhia e qualidades e que empenhadamente dão o seu acordo à divulgação desta obra.

Uma referência ainda sobre os seus sobrinhos que obviamente (os vivos) concordam com a divulgação desta Monografia: António (f.) e Américo, filhos de Maria Gomes e João Carmona; António e Emília Madalena (f.) filhos de José G. Honrado e de Piedade Carepo; José Carlos filho de Américo Gomes e de Isaura Lopes; Jorge filho de António Gomes e de Belmira Honrado. Todos eles casaram e têm descendência.

Infelizmente o Autor morreu no ano seguinte (1948) ao da conclusão da Monografia, o que foi uma tragédia para a família e uma enorme perda para Perais de alguém de quem tanto haveria ainda a esperar.

Foi preciso entretanto esperar pelo tempo da Internet para que este pequeno tesouro saísse do baú do esquecimento e impedir que se perca algum do conhecimento e das histórias dos Antigos que o Autor com paciência e persistência foi recolhendo, para além do esforço de documentação em fontes oficiais e outras, e que aqui ficam agora para avivar a memória de todos nós e sem dúvida para o registo da História de Perais e das suas Gentes.

Leiam e divirtam-se!

Os Sobrinhos



Notícia de Perais

“Pilriteiro dás pilritos

Porque não dás coisa boa?

Cada um dá o que tem

Conforme a sua pessoa!”

Melhor do que quaisquer outras palavras que escrevesse, as desta quadra popular me desculparão das deficiências dos apontamentos que seguem sobre a aldeia de Perais e a freguesia de que faz parte.

Eu de boa vontade dei o que tinha, e se este modesto trabalho algum mérito tem, ele reside precisamente na boa vontade com que foi elaborado.

Dei por findos, sem os julgar completos, o bosquejo e considerações feitas acerca da minha aldeia natal, e menos ainda as breves notas relativas às restantes aldeias e lugares referidos.

Para conseguir obra completa faltaram-me os recursos e aquela pertinácia indispensável a quem se determina a fazer alguma coisa; mas o caminho foi iniciado e fica aberto a quem o queira seguir e ampliar.

Ao escrever a “monografia” de Perais tive o objectivo principal de inventariar os elementos dispersos que dela conhecesse, alguns dos quais a tradição oral

popular iria cada ano esquecendo mais, até por fim se perderem. Todavia animou-me também o propósito de tornar menos desconhecida a terra da minha infância e seria para mim motivo de satisfação se os elementos que reuni e aqui ficam, tivessem a virtude de fomentar o estímulo pelo estudo dos seus problemas, tendo em vista o desejado progresso.

Às obras do Dr. Francisco Tavares Proença Junior que na primeira década do século XX fez estudos arqueológicos sobre esta freguesia, especialmente na Coutada, Locriz e Urgueira, fui colher muitos dados de que me servi para a organização deste simples trabalho.

Mas boa parte do que fica escrito foi baseado em informações colhidas às pessoas mais velhas, nomeadamente a João Castiço e Agostinho Bento Marrucho, os dois indivíduos mais idosos de Perais no ano de 1945, com 94 e 85 anos respectivamente.

Quero citar também o professor primário aposentado José Lopes Esteves pelos documentos que amavelmente me facultou, o que agradeço.

Outras obras foram consultadas e dalgum modo contribuíram para a execução da tarefa, tais como o Dicionário de Portugal; Dicionário Popular de Pinheiro Chagas; Guia de Portugal; Anuário Comercial; Monografia de Castelo Branco; Etnografia da Beira, de Jaime Lopes Dias; Censos da População em Portugal; Memórias Paroquiais, do Padre Luís Cardoso; Agiologio Lusitano, de Jorge Cardoso; Diários do Governo; e registos paroquiais das freguesias de Vila Velha de Ródão e Alfrívada arquivados no Tombo, além de outros e dos citados no texto.

Se nestes apontamentos houver alguma frase também existente noutra trabalho, e que não esteja devidamente assinalada, peço que o facto seja tomado como falta de método e não doutro modo.

Dizer mal é fácil; fazer alguma coisa diferente é já mais difícil; e como a maledicência nada adianta, eu peço que, a quem chegar gana de desancar pelas deficiências e erros da “Notícia de Perais”, se vista de paciência e muita tolerância, e, em vez de me maltratar, se decida antes a fazer melhor.

E para rematar estas palavras de introdução e desculpa, direi com toda a justiça que, se não fossem as memórias ainda boas de meu Pai e minha Mãe, e a enorme vontade que os dois tinham de me ajudar na elaboração deste modesto cometimento, que lhes dedico de todo o meu coração, ele ficaria ainda mais incompleto.

Lisboa, 1947

João Gomes Rodrigues

Sarg.º Aj.te

Introdução¹

Perais é a maior e mais progressiva povoação da freguesia a que pertence.

Situada próximo das ribanceiras do Tejo, no sul da Beira Baixa, a aldeia de Perais tem as coordenadas geográficas de 39° 40' (norte) e 1° 33' 30" (leste) referidas ao Castelo de S. Jorge em Lisboa, ou 7° 34' 30" (W) referido ao meridiano de Greenwich.

Dista por estrada (nº 18 e 355) 12 quilómetros de Vila Velha de Ródão que lhe fica a ocidente, e 28 kms, também pelas mesmas estradas, da cidade de Castelo Branco que lhe fica a nordeste e é capital de distrito do mesmo nome e da província da Beira Baixa.

Perais é a sede da freguesia de Alfrívada cuja área é limitada ao sul pelo rio Tejo, a leste pelo rio Ponsul, a norte pelas freguesias de Benquerenças e de Cebolais de Cima, do concelho de Castelo Branco, a noroeste pela freguesia de Sarnadas e a ocidente pela freguesia de Vila Velha de Ródão, cabeça do concelho.

Com excepção da parte limítrofe da freguesia de Vila Velha, as terras adjacentes têm maior altitude, materializada pelas “Barreiras”, cordilheira pouco alta, mas acidentada, que a NO da área da freguesia mostra o abaixamento dos seus terrenos e define a falha geológica que os atlas assinalam.

¹ Título atribuído pelo Editor.

Esta serra tem origem na região Portela-Sarrasqueira, e orientada para leste vai até Maxiais, por Alfrívada, passando a Sul de Sarnadas, Retaxo e Cebolais, pelo que estas industriais povoações são designadas genericamente por “Terr’Alta”.

Em contrapartida os habitantes destas aldeias designam as terras da freguesia de Alfrívada por “Ribeira” e Terra Baixa”, em virtude, decerto, não só da existência das ribeiras do Locriz e de Alfrívada no sopé do agigantado degrau que as “Barreiras” formam, mas também, e talvez por mais forte razão, devido à grande depressão que toda a freguesia é, na bacia imediata do Tejo, engastada na margem direita deste rio, desde a foz do Ponsul até ao cachão do Algarve que marca o vértice sudoeste da sua área.

Nesta região fortemente arborizada de oliveiras, azinheiras e sobreiros, existem com relativa abundância vestígios a assinalar as pegadas de gentes remotas. A atestar a passagem dessas gentes por estas latitudes, aí estão várias antas, um castro luso-romano, duas estações romanas, o aparecimento duma inscrição romana (levada pelo seu descobridor, Dr. Francisco Tavares Proença Junior, para o Museu de Castelo Branco), muitos objectos de pedra polida e outros, usados pelos povos primitivos.

Nada menos de 9 antas (2 entre Alfrívada e os Castelos, 2 no Locriz, 1 na Junqueira, 1 nas Areias Brancas, cerca de 500 m a sul da Navejola, 1 no olival da Coutada a jusante da ponte sobre a Ribeira, e 2 na Urgueira: uma cerca de 200 m a oeste das Casas e a outra junto ao atalho dos “Turdões” junto da Nave Dega) foram assinaladas, estando algumas delas, presentemente destruídas por completo e por isso de difícil reconhecimento.

Segundo refere o Dr. F.T.P. Júnior existiram também dois túmulos, a pequena distância do Locriz, e entre este “monte” e o da Coutada foi achada uma sepultura aberta em rocha, tendo a pequena distância uma inscrição latina gravada num afloramento xistoso, ambas hoje desconhecidas.

O único castro luso-romano levantado na área da freguesia encontra-se já arrasado num outeiro das “Barreiras”, a nascente do caminho Perais-Vale de Pousadas-Retaxo, ao princípio da “ladeira de S. Gens”, em posição de dominar vastos azinhais e olivedos (há 30 ou 40 anos atrás, imensos matagais) para Sul até além das ribanceiras do Tejo, e para leste ainda além da fronteira com a Espanha.

Este castro em ruínas, situado a uns seis ou sete quilómetros de Perais, é conhecido pela designação de “Castelos”, e sobre ele se contam várias lendas que a credence popular foi passando de geração em geração.

Uma dessas tradições é a de que nas suas muralhas estavam escondidos misteriosos tesouros, guardados por mouros encantados, pois na opinião dos velhos e simples habitantes destes lugares, todos os monumentos que vêm de tempos remotos foram construídos e deixados pelos mouros.

Desde tempos imemoriais tem corrido que os mouros na sua retirada diziam: “Entre o Tejo e o Ocreza fica toda a nossa riqueza.”

Esta riqueza estaria também escondida nas antas todas elas com a moura encantada de vigia. Profanar as antas para conseguir os tesouros era coisa a

que raros se atreviam, porque diziam que o primeiro que isso tentasse morreria, o segundo cegaria e só o terceiro conseguiria os seus fins.

Conta-se que os homens de Cebolais de Cima, na miragem dum tesouro escondido nos Castelos, dentro de uma caldeira, que a moura encantada permitiria que levassem, se fosse encontrada ao nascer do Sol, lá foram procurá-la, e tendo-a achado cheia de ouro, a custo a levaram até ao cimo das Barreiras.

Chegados ali deram largas ao seu contentamento, tendo o chefe dito entre fanfarrão e irreverente: “Quer Deus queira, quer não queira, é nossa a caldeira.” Nisto, a caldeira, com grande espanto de todos, começou a rebolar pela encosta abaixo para nunca mais ser vista, nem o seu recheio...

Outra ingénua tradição é a de que certo individuo, tendo sonhado algumas vezes que debaixo de determinado pedregulho se encontravam escondidas grandes quantidades de ouro, resolveu-se a consegui-lo. Depois de grandes trabalhos e canseiras, removeu o penedo que não lhe facultou o tesouro, porque ele não existia, mas verificou estupefacto que na sua face inferior estavam gravados os seguintes dizeres: “Bem-haja a quem me voltou; Se bem estava, melhor estou.” Hoje ninguém acredita na existência de tesouros escondidos deixados pelos mouros, não havendo também quem creia nos malefícios dos objectos de pedra polida que são encontrados e que os antigos consideravam “pestes”.

Também é lendário que os habitantes dos Castelos os tiveram de abandonar pelo incómodo e desassossego que o elevadíssimo número de formigas ali

lhes fazia, chegando a sugar os olhos às crianças, cegando-as, logo que não estivessem guardadas.

Com a existência deste castro devem estar relacionadas as antas, túmulos, inscrições e todos os objectos de utilização pessoal achados na área da freguesia, mais especialmente na região do triângulo de Perais-Castelos-Coutada.

O planalto da Cascalheira, a menos de um quilómetro a oeste de Perais, no caminho da Barca e sobranceiro à fonte da Telhada, tem sido um manancial de objectos que recordam os povos antigos, dali tendo sido levados vários para o Museu de Castelo Branco.

La foram encontrados dezenas de objectos de pedra polida, especialmente machados, espalhados a esmo pelo terreno, de mistura com a infinidade de calhaus rolados, que, talvez, em tempos muito recuados as águas do Tejo ali acumularam.

No ano de 1758, os párcos de todas as freguesias portuguesas fizeram por ordem de Marquês de Pombal, um relatório donde se pudesse conhecer além do dano causado pelo terramoto de 1 de Novembro de 1755, tudo que sob qualquer aspecto houvesse digno de nota em todo o país.

O padre João Baptista, então pároco de Vila Velha, freguesia a que Perais nessa época pertencia, disse no seu, entre outras coisas, que “junto ao lugar de Perais em uma charneca sobre as ladeiras do Tejo e fronteiro a Castela,

havia um Reduto ou Atalaia arruinada, onde existiam guardas em tempos de guerra.”

Este Reduto não existe hoje, nem vestígios, não sendo a referência, decerto, respeitante aos Castelos que na data citada como hoje, já pertenciam à freguesia de Alfrívada e ainda porque entre este castro e Perais fica o lugar de Vale de Pousadas, também já existente naquela era.

Também não é de crer que o Reduto em questão estivesse localizado onde é hoje o centro da aldeia de Perais, no sítio da travessa do Reluto. O mais provável e lógico é que ele tivesse existido no cabeço da Atalaia em frente à foz do rio Sever, de facto fronteiro a Castela e sobranceiro ao Tejo.

Na já referida elevação da Cascalheira está o ponto trigonométrico de 194 metros de cota, que nas cartas topográficas consta com a designação de Perais, e na vertente sul, a caminho da ribanceira do Tejo, fica a pequena fonte da Telhada em cujas proximidades existiu o lugarzito da “Casa Telhada”, porventura mais antigo que Perais.

O Cabeço da “Cadaveira” (significa cemitério?), na Coutada, a poucas centenas de metros a sul das Casas e ao lado do Cabeço da “Moura”, tem sido uma fonte de vestígios romanos e ainda hoje ali se podem ver inúmeros pedaços de grossas telhas e tijolos a atestar a existência longínqua de construções. Diz a voz do povo na sua linguagem simples, que ali houve casas dos antigos.

Na Cadaveira foi encontrada metade de uma inscrição tumular importante, com as dimensões de 0,45mx0,36mx0,21m e com a superfície da pedra em mau estado mas onde o Dr. Tavares Proença Júnior conseguiu ler:

----- | S I . F . C O N
----- | E N S I . A N I X
--- R A . P A T E R N I . F
--- R I T O . F . . C .

Sobre esta pedra, que foi enviada para o museu de Castelo Branco, bem como algumas dezenas de utensílios de pedra polida e de cerâmica, fez o já referido Dr. T.P. as seguintes considerações: “A fractura separou da metade conhecida, a primeira parte da inscrição que pela designação locativa (linha 2) podia ser talvez de grande valor para o estudo das antiguidades da região.

No começo das 1ª e 2ª linhas não figura nenhuma letra completa, porque o traço que existe visível tanto pode ter pertencido a um M, como a um N, como a um I. Também no final da 2ª linha parece que nunca houve ponto entre o N e o I de IX. É pois arriscado afirmar se a leitura deve ser ANI.X ou se AN.IX.”

No Cabeço da Moura nada existe hoje que denuncie qualquer construção remota, mas decerto ali houve indícios dela, para consubstanciar a tradição toponímica do outeiro, onde actualmente estão edificadas as Casas da parte da Coutada que por herança coube ao Dr. Rafael de Sousa Figueiredo.

Os dois cabeços, da Moura e da Cadaveira, postos a par, estão separados por um linha de água – barroca da Silveira – que corre para sudeste a incorporar-se na ribeira que nesta altura do percurso se chama da Coutada. Próximo da confluência deste regato com a ribeira existem também telhões em abundância, sinal de que o homem por ali se demorou em tempos idos.

Estes restos de construções, a inscrição, os pedaços de tigela e outros utensílios encontrados, bem como as denominações das duas pequenas elevações citadas, situadas muito perto das Casas da Coutada, fazem pensar que desde tempos imemoriais esta região tem estado sempre, mais ou menos habitada, pois as actuais habitações vêm também de longe.

A chamar a atenção dos curiosos existem ainda a “Casa do Ruivo”, a “Barroca das Calçadas” e o empedrado no Caminho da Telhada para a Barca.

- Conhecidas por Casa do Ruivo, são as ruínas duma casa com muro circunjacente no Tergo, entre as ribeiras da Urgueira e do Juncalinho, a uns 200 metros da sua confluência, junto do caminho do Locriz. Estas ruínas marcam a passagem mais ou menos demorada pelo homem no local.

Como se fixou ali? Como desapareceu? A Casa do Ruivo foi moradia continuada e de carácter definitivo; ou só utilizada durante os trabalhos agrícolas no lugar?

Teria pertencido a um individuo de apelido Ruivo, ou assim conhecido em razão da cor dos seus cabelos?

Parece que qualquer destas hipóteses é de admitir pelo que o assunto é certamente impossível de esclarecer.

As pessoas idosas de Perais são unânimes em dizer que sempre conheceram as ditas ruínas no estado em que hoje se encontram e que já os antepassados lhe davam o mesmo nome.

O homem que escolheu o sítio para se fixar devia ter tido em mira a exploração dos vales dos dois ribeiros vizinhos, especialmente o lameiro da Urgueira que nessa altura seria farto de água, condição indispensável para a fertilidade da Terra.

Este individuo “Ruivo” podia ter sido um dos muitos colonos estrangeiros que vieram para Portugal, através de várias épocas.

- A Barroca das Calçadas desce das vertentes do cabeço da Atalaia, onde presumivelmente houve um Reduto, pela Junqueira até ao Tejo, próximo do cachão de São Simão.

Deriva o seu nome de pedaços de calçada que ainda hoje testemunham a existência afastada de um bom caminho. Estas pequenas áreas calcetadas são muito antigas, pois as pessoas mais velhas de agora não se lembram de lhes conhecerem melhor estado de conservação. Já há muito tempo que o antigo caminho deixou de ser utilizado com assiduidade, havendo actualmente outro próximo a servir a azenha existente no Tejo, no cachão já referido.

É de presumir que este antigo caminho, tal como o da Barca, fosse utilizado pelos “Ratinhos”¹ em demanda do Alentejo, ou talvez construído para serviço do pessoal do posto alfandegário de Sever, ou ainda para corresponder, da parte dos portugueses, à estrada que os espanhóis construíram de Cedilho à foz do Sever, mas que por qualquer razão não tem continuação.

- O Caminho da Barca, da fonte da Telhada ao Tejo, faz lembrar as vias romanas, com lajes a cobrir o leito.

Como os romanos por aqui andaram e o terreno é muito íngreme em toda a extensão das margens do Tejo, é de crer que tendo necessidade de passar viaturas para o Sul, se vissem obrigados a construir este troço de via, ainda mais fácil de acreditar em virtude da estação que o mesmo povo teve na localidade, como se pode verificar na Arqueologia publicada em 1910 pelo Dr. T. P.

Assim, a via ter-se-ia mantido através dos tempos, não obstante vários remendos, com as mesmas características até aos nossos dias.

¹ Nota do Autor (NA). Trabalhadores beirões que se deslocam para o Alentejo, mas em Perais os seus habitantes restringem a designação aos homens do outro lado do Ocreza, geralmente também conhecido por “Cortilhões”.

Nome

Perais. Esta palavra leva-nos à conclusão fácil de que a povoação foi começada em região de abundantes pereiras, onde estas árvores predominassem sobre qualquer outra espécie.

Com efeito, o pereiro bravo, pelas amostras que ainda presentemente se verificam, devia figurar em terceiro lugar a seguir ao azinheiro e sobreiro, quando da chegada dos primeiros colonos à localidade, mas estas duas espécies eram talvez consideradas como mato.

Outras árvores de fruto, hoje espalhadas em número apreciável, não as devia haver no sítio e só mais tarde seriam trazidas pelos habitantes que se iam fixando. A própria oliveira, agora tão numerosa, decerto não existia na época dos primitivos habitantes.

Assim, estes, gente simples e rude, só com o hábito do trato da terra, começaria a designar por Perais o local onde havia muitas pereiras, mantendo-se a denominação para o povoado, sua nova Pátria.

Hoje, porém, as pereiras que provavelmente deram nome à aldeia, estão muito longe de predominar na flora da região, e se agora houvesse que baptizar a povoação segundo a espécie arbórea predominante, excluído as azinheiras como teriam feito os fundadores, ser-lhe-ia dado o nome de Olivais.

- Podia também o nome de Perais ter sido herdado do apelido dos primitivos habitantes; mas esta hipótese não se afigura muito provável pois nem nos

tempos mais próximos nem remotamente, há lembrança ou registo, de que aqui tivesse vivido alguém com apelido análogo.

- Outra hipótese também improvável é a de que Perais tenha derivado de “perau” que significa linha inferior da margem onde começa o leito do rio, etc.

Podia ser que em tempos afastados, quando o homem tinha necessidade das habitações lacustres, não as construísem na região, além do perau, em virtude da profundidade e corrente do Tejo. Deste modo a habitação construída no perau passaria também a ser designada assim, donde “peraus” e mais tarde Perais.

Primeiramente a actual sede da freguesia de Alfrívada chamava-se Monte dos Perais, e não como hoje, simplesmente Perais.

Origem

A fundação de Perais, envolta na bruma dos tempos, remonta pelo menos à época da Restauração ou, mais provavelmente, à dominação Filipina, em que houve acréscimo na população portuguesa e a supressão de facto da fronteira, facilitava a fixação de colonos nas regiões suas limítrofes.

Mas qual terá sido a origem de Perais? O primeiro homem que aqui fixou residência teria sido agricultor ou estalajadeiro?

Pela geral inclinação para as actividades agrícolas, dos habitantes de Perais, parece que este hábito lhes teria ficado dos primitivos desbravadores que foram seus antepassados.

Mas por outro lado existiu na região de Perais uma estação romana e é também verdade que aqui houve uma estalagem, no extremo sul da aldeia. Além disso, anteriormente, existiu ao cimo das barreiras do Tejo, próximo da fonte da Telhada, uma outra estalagem onde se acomodariam os almocreves ou outros viandantes que da Beira se dirigissem para o Alentejo e que o obstáculo do rio obrigaria a uma paragem ali.

A designação de fonte da “Telhada” é a forma abreviada de fonte da “Casa Telhada”, pequena povoação que até ao princípio do século XIX existiu no local, e que por certo devia ter tido, durante anos, a única casa da região com cobertura de telha.

Esta teria sido a primeira casa onde se fixaram os primitivos habitantes da região, e, em virtude dela, outros homens seriam atraídos, tendo-se fixado no local mais acessível de Perais, um quilómetro a nordeste, dando origem à povoação.

Outra versão da origem de Perais, que uma vaga lenda foi transmitindo até aos nossos dias, é a de um seareiro que teria vindo talvez da Sarrasqueira ou possivelmente dalguma povoação da serra do Perdigão. Este primeiro desbravador dos grandes matagais que então existiam, ter-se-ia fixado na colina onde actualmente fica a rua de Cima. Acossado pelos lobos este homem tencionou abandonar o lugar, pois tinha que passar as noites com

grandes fogueiras acesas, para manter as feras em respeito. O alerta constante no meio de perigos cansava-o e não podia continuar indefinidamente. Mas entretentes, decidindo ficar, construiu para si e para os seus a mais velha casa de Perais que será uma das três que existem no lado poente do largo da rua de Cima e que pertenceram a José Domingos, José Ferro (sapateiro) e João Castiço.

Ainda terceira hipótese da origem de Perais:

No local devia ter existido uma muralha sita dentro do trapézio que agora constitui o coração da aldeia, e que tem por extremos da diagonal nascente-poente, o forno público e a casa de Paulina Rodrigues, à volta da qual se teriam levantado algumas casas. Esta parte central da povoação nem sempre se apresentou com a forma actual. Entre a quelha do Reluto, em frente da casa de José Rodrigues (grande), e a rua do Forno no prolongamento da estrada, houve, ainda não há muitos anos, uma pequena quelha, por altura da habitação de Catarina Dias.

A quelha que está situada onde o paredão teria existido e que a tradição nos legou com o nome de Reluto, permite-nos admitir que no local houve em tempos idos, uma muralha defensiva, um “reduto”, a cuja protecção se acolheriam os habitantes das redondezas quando atacados e sem possibilidades de resistência em campo aberto.

A existência da quadrela em Perais não deixa de ser razoável devido à proximidade da fronteira, com os espanhóis a leste, e anteriormente com os mouros a sul.

Desta maneira a quelha referida parece que deveria chamar-se do Reduto, mas a voz popular deturpando a designação faz-nos aparecer Reluto, do que aliás nenhum prejuízo adveio.

Datas e factos mais notáveis na vida de Perais

Perais, assim como Vale de Pousadas, Casa Telhada, Locriz e Coutada pertenceram primeiramente à freguesia de Vila Velha de Ródão, e pelos registos paroquiais de óbitos desta freguesia arquivados no Tombo, em São Vicente de Fora, se podem verificar vários falecimentos de pessoas destes lugares, desde o ano de 1704.

Em 1758, o vigário de Vila Velha de Ródão, em presença do questionário que pelo Marquês de Pombal foi mandado enviar a todas as freguesias do reino, respondia do seguinte modo a respeito da sua paróquia (só se transcreve o que interessa a estes apontamentos):

- “Compreende seu termo (de Ródão) os lugares seguintes:

Coutada, de quinze vizinhos;

Vale de Pousadas, de sete vizinhos;

Perais, de quatorze vizinhos;

Casa Telhada, de um vizinho.

(A palavra vizinhos significa aqui fogos. Dos restantes lugares citados no relatório, existentes no termo da freguesia, só a sede e Gavião com 50 vizinhos, eram maiores que Coutada).

- O pároco é vigário colado da Ordem de Cristo, tem de renda 32.000 reis em dinheiro e 78 alqueires de Trigo e outro tanto de centeio.

- Tem a ermida de S. Pedro e da Graça nos limites (quereria dizer Locriz?) e pertencem ao povo.

- Serve-se do correio de Castelo Branco que dista 5 léguas.

- Chama Penedo Gordo, à serra de Ródão.

- As “plantas” que o padre informou haver em maior abundância eram castanheiros e videiras e que em algumas partes, se lavrava algum pão. Declarou também que se tirava algum ouro do Tejo, ainda que pouco.

- Há junto do lugar de Perais em uma chameca sobre as ladeiras do Tejo, um Reduto ou Atalaia arruinado, fronteiro a Castela, onde existiam guardas em tempo de guerra.” O Vigário: a) João Baptista.

No ano de 1849 os povos de Perais e Vale de Pousadas passaram a pertencer à freguesia de Alfrívada, o que se pode verificar pelos assentamentos nos registos paroquiais, desconhecendo nós o motivo e o autor das diligências que determinaram a transferência.

Esta mudança foi benéfica para Perais, pois 30 anos depois conseguia ser sede da freguesia, o que não é de admitir se tivesse continuado a pertencer à de Vila Velha.

De facto foi no ano de 1879 que a povoação de Perais alcançou uma certa importância, ultrapassando as restantes da freguesia.

Efectivamente algo se passou em Abril deste ano, que a fez subir de categoria.

O vigário geral do Bispado de Castelo Branco ¹, Joaquim José Pombo, por provisão do dia 9 do mês e ano referidos, autorizava o pároco da freguesia de Alfrívada a proceder à bênção da nova igreja e cemitério de Perais, em vista de se acharem em condições de neles serem celebrados os Ofícios Divinos e enterramentos.

Foi também o mesmo padre autorizado a remover processionalmente e com o possível aparato, da antiga igreja para a nova, o Santíssimo Sacramento e as imagens ² que naquela estavam.

A mesma provisão autoriza que os defuntos de Alfrívada continuem a ser enterrados no cemitério do dito povo, e que na sua mal conservada igreja fique a imagem de S. Miguel³ e os paramentos necessários para ali se poder celebrar o Santo Sacrifício da Missa.

¹ NA. Existiu desde 1771 a 1882, ano em que foi incorporado no de Portalegre.

² NA. De Santo António, orago da freguesia, da Senhora do Rosário e um crucifixo grande. A imagem de S. Pedro veio de V. V. de Ródão, por a ermida onde se encontrava se ter arruinado.

³ NA. Está actualmente na capela da Senhora de Lourdes, em Monte Fidalgo.

A remoção processional das imagens dos Santos, de Alfrívda para a igreja nova de Perais, teve lugar provavelmente, entre os dias 19 a 24 de Abril de 1879, pois estas datas podem verificar-se num livro de capas de pergaminho existente no templo de Perais, na capa e a folha 63, a datar o inventário da nova igreja, que é assinado pelo padre Izidoro Gomes Ruivo¹ e por João Lopes Esteves, Tesoureiro, à cuja actividade se devem, em parte, estas transferências.

Na folha 63 do livro citado verifica-se também que em 14 de Setembro, ainda no ano de 1879, o padre José António Duarte d'Oliveira, natural de Cebolais de Cima e pároco da freguesia de Alfrívda à data da benção da nova igreja paroquial, passava recibo do inventário da dita igreja ao padre Manuel Pires Pombo que foi o que primeiramente residiu em Perais, aqui ficando largos anos.

A ausência da assinatura do padre José, no inventário feito pela ocasião da transferência das alfaias e paramentos da igreja velha para a nova, sendo ele o pároco da freguesia, deve talvez provir da sua possível solidariedade com os povos de Alfrívda e Monte Fidalgo, que acaudilhados por Domingos Belo, casado neste último povo e natural de Cebolais de Cima, de modo nenhum queriam a mudança da igreja matriz para Perais.

Por esta época foi criada uma escola em Perais, onde veio leccionar, em primeiro lugar, um indivíduo de nome Jerónimo, contratado pela Câmara Municipal de V. V. de Ródão. Este improvisado professor pouco tempo ocupou

¹ NA. Pároco da freguesia de Sarnadas.

o lugar, que a seguir foi preenchido pelo professor oficial João José de Carvalho, que ensinou em Perais durante alguns anos.

O correio diário em Perais, que primeiro esteve a cargo do sapateiro Manuel Belo, deve datar também de 1879-80.

Em Outubro de 1882, a requerimento² de João Lopes Esteves, foi a área da freguesia aumentada com as propriedades de Areias Brancas, Vale do Lobato, Locriz e Urgueira, que até então estavam incorporados na freguesia de V. V. de Ródão.

O posto da Guarda Fiscal em Perais é nomeado pela primeira vez na Tabela nº 1 do Decreto de 3/12/1891, e o mapa nº 9 anexo ao Decreto de 21/1/1892 elucida que o mesmo ficava dependente da Secção de Castelo Branco.

Com a implantação da República e o advento do Registo Civil, foi criado um posto em Perais, do qual foi nomeado primeiro ajudante, em 24 de Março de 1911, o professor primário José Lopes Esteves.

Em 1916 ou 1917 foi criado em Perais uma escola móvel feminina, na qual veio exercer o magistério, a professora oficial D. Palmira de Abreu, que faleceu no exercício das suas funções em outubro de 1918, pela ocasião da Pneumónica que a vitimou.

No ano de 1923, pela Lei nº 1484 de 1 de Novembro, inserta no Diário do Governo do mesmo dia, foi a freguesia de Alfrívda desanexada da de Vila

² NA. Datado de 4 e deferido por Despacho de 12, no Bispado de Portalegre.

Velha de Ródão, tendo em 3 de Agosto de 1924 sido eleita a primeira Junta de Freguesia, constituída pelos cidadãos: João Jorge, António Vicente, António Rodrigues (Monte Fidalgo), Manuel Vaz (Monte Fidalgo) e Fernando da Rosa Leonardo (Vale de Pousadas), que reunida pela primeira vez em 17 de Agosto, elegeu para presidente o vogal João Jorge. Nesta reunião presidida por João Jorge, foram nomeados por unanimidade, secretário e tesoureiro respectivamente, os cidadãos José Lopes Esteves e António Pires Cunha.

Por esta época foi nomeado regedor de freguesia, João Pires Cunha, sendo o primeiro com residência em Perais.

Em 1925 foi construída a NE da povoação o edifício para a escola primária do sexo feminino, a expensas de António Belo, de Cebolais de Cima, com a participação do povo de Perais, para que o lugar fosse preenchido pela filha daquele, a professora oficial Sr^a D. Maria Bentinho Belo, o que sucedeu no mesmo ano.

No dia 2 de Janeiro de 1926, reuniu pela primeira vez a nova Junta de Freguesia (a segunda), eleita nas últimas eleições gerais, composta pelos cidadãos João Jorge, Francisco Gomes, José Gomes Vicente, Fernando de Rosa Leonardo e Samuel Vicente. Tendo-se procedido à eleição da presidência, recaiu esta no vogal João Jorge e a vice-presidência no vogal Francisco Gomes.

Em Janeiro de 1926, por iniciativa de José Lopes Esteves, foi pedido que a freguesia passasse a denominar-se Perais em vez de Alfrívada, o que o

governo indeferiu, apesar de Alfrívada ter apenas 10 fogos (Actas da Junta de Freguesia de 24-1-1926 e de 4-7-1927).

Em 14 de Setembro de 1930, tomou posse do lugar de presidente da Junta de Freguesia, pela segunda vez (a primeira foi em Junho de 1926, por nomeação do governo civil de Castelo Branco), o professor primário aposentado José Lopes Esteves a cuja pertinácia se deveu a construção, mais cedo, da estrada municipal (hoje nacional nº 355) de Perais à Portela, a ligar com a estrada nacional nº 18 (antiga nº 15 - 1^a), cuja terraplanagem foi executada em 1932 e o empedramento a macadame, de Perais à Nave Dega em 1936, sendo a segunda metade até à Portela (Vargem Preta), completada só em 1942.

No dia primeiro de Julho de 1932 foi criado o Clube Recreativo de Perais, que existiu até 31-5-1935, cuja primeira direcção foi constituída por:

Presidente – José Castelo Lopes, professor primário;

Tesoureiro – José Gomes dos Santos, alfaiate;

Secretário – João Mendes Carneirinho, 1º Cabo da Guarda Fiscal.

1933 – Este ano é de má recordação para o povo de Perais, pois foi durante ele que gorou a sua tentativa de compra do Monte das Areias Brancas, que era muito necessário às suas condições de vida, fracasso que se deve não só às muito maiores possibilidades financeiras de João Laia Nogueira, seu actual proprietário, mas também à negligência e desentendimento dos homens de Perais. Que ao menos a lição seria para o futuro, e se acaso o referido Monte ou os da Urgueira ou Lameira, nos seus subúrbios, foram postos à venda,

façam os Peraenses o possível (e o impossível...) para que as referidas propriedades fiquem na sua posse, para que não vão engordar ainda mais, certas pessoas muito gordas...

Há coisas que merecem sacrifícios.

No ano de 1939 foi requisitada a instalação de um posto telefónico que, apesar da sua urgência, ainda não teve realização, talvez por causa da escassez de material, motivada pela guerra.

Em 1946 tomei a iniciativa de se requerer a extinção da freguesia de Alfrívada e a criação da de Perais, pelo que redigi a competente petição e a apresentei em 2 de Outubro aos membros da Junta, que a assinaram, e que teve o aplauso unânime da gente de Perais.

Começou-se a organização do processo que decorreu com certa rapidez, (sendo as informações prestadas pela C.M. de V.V.R., pela J. P. da B. B. e pelo G. C. de C. B. concordes em que era justíssima a pretensão), até que o M. J. solicitou do G. C., este da C.M. e esta da J.F., para o tomar concluso, uma petição no mesmo sentido, dos chefes de família eleitores. Organizaram-se 1º e 2º abaixo-assinados em Perais que por deficientes o G. C. devolveu em lugar de seguirem para o M. J.

Algumas vezes arranquei o assunto do esquecimento, daqueles que nunca o deviam esquecer, até que finalmente tive que descansar...em 1948...

Mas a causa é justa, há pois que recomeçar na primeira oportunidade...

Outras notícias de Perais

A sua igreja foi construída por um pedreiro de Nisa, de apelido Vivo, em terreno para o efeito expressamente oferecido por Domingos Mendes casado com Isabel Duarte, residentes em Perais.

Os primitivos muros do cemitério foram construídos por um pedreiro de Cebolais de Cima, e o primeiro enterramento que nele se fez foi o de Rosa Duarte, esposa do “Tio Pedralhás”, a qual nasceu do segundo matrimónio de Manuel Mendes Roque e do primeiro de Tereza Duarte, no dia 2 de Maio de 1803. Era neta via paterna de João Roque, da Repreza, e de Maria Mendes, de Perais, e via materna de Francisco Duarte e Antónia Jorge, ambos de Cebolais de Cima.

O primeiro assentamento feito no registo de baptizados da freguesia de Alfrívada, de um nascimento em Perais, foi em 24 de Outubro de 1849 e dizia respeito a uma menina de nome Rosa, que nasceu em 7 no mesmo mês e ano, filha legítima de João Mendes Castiço e de Maria Dias, naturais de Perais, neta via paterna de António Mendes Castiço e de Catarina Roque, também naturais de Perais, e via materna de Manuel Dias e Joana Maria, esta natural de Perais e aquele de Sarnadas. Era cura da freguesia Manuel Duarte Barata.

Nos meados do século XIX, Perais era constituído por três núcleos principais de habitações: o da rua de Baixo e rua do Meio, que era o principal; o do Reluto, ao centro; e o da rua de Cima. Havia ainda algumas casas no Cabeço e no largo da Estalagem.

De todas as residências, menos de três dezenas, só duas eram rebocadas, as “casas brancas”, uma na face ocidental do largo da Estalagem, pertencente a António Castelo, e outra na rua do Meio, em frente da quelha que vai desta rua a entroncar na estrada junto da residência de Agostinho Mateus.

Esta “casa branca”, a de mais antiga criação em Perais (1775), era de Joaquim Roque e de sua mulher Martinha Mendes que formavam o casal mais abastado da Terra.

Na mesma época também só nestas casas brancas se comia pão de trigo, na de António Castelo, só ele, e na de Joaquim Roque, todos os membros da sua numerosa família.

O casal mais fecundo que já houve em Perais, foi constituído por Manuel Belo e Maria de Jesus, que tendo criado uma dezena de filhos, lhes nasceram no entanto mais quatro, dos quais três meninas gémeas em 1899, que tendo nascido escorreitas faleceram com dois meses, vítimas de garrotilho (difteria).

António Castelo, oriundo de Sarnadas, teria sido o primeiro comerciante de Perais estabelecendo-se com estalagem e estanque, o estanque da “Tia Caetana” (mulher de A.C.).

A população masculina de Perais, por vocação ou provavelmente devido à má remuneração do trabalho na região, segue a carreira das armas em percentagem relativamente elevada.

Assim existiam em 1947 os seguintes elementos profissionais das instituições militares ou militarizadas:

- Um Major

- Um Capitão

- Um Tenente

- Dois Sargentos-ajudantes

- Dois 1.ºs Sargentos

- Três 2.ºs Sargentos

- Dois Furriéis

- Vinte e dois cabos e soldados das G.F., G.N.R. e P.S.P, com predominância da Guarda Fiscal.

Em 13 de Dezembro de 1704, faleceu em Perais, Maria Fernandes e no dia seguinte faleceram também o seu marido, António Fernandes e Maria filha dos dois, talvez por envenenamento, talvez atacados pela mesma doença que os vitimou.

Não resta dúvida que em 1708 a freguesia de Alfrívada já estava criada, ao passo que a vizinha povoação de Cebolais de Cima, um século depois ainda fazia parte da de Santa Maria de Castelo Branco.

O primeiro casamento que se efectuou na freguesia, depois da vigência do Registo Civil, foi o de Manuel Pires, de Monte Fidalgo, com Maria Ruivo, de Lentiscais, em 9 de Abril de 1911.

O segundo foi o de António Esteves com Aurora Pires, ambos de Perais, em 1 de Maio também de 1911.

A epidemia popularmente conhecida por Pneumónica, que em 1918 grassou pela Europa, também chegou a Perais, onde por sua causa faleceram nove pessoas entre os dias 10 e 25 de Outubro.

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-18), três Peraenses tomaram parte no C.E.P.¹ a França, um dos quais, António Rodrigues Castelo, foi feito prisioneiro pelos alemães, o que motivou demora no seu regresso ao lar paterno que chegou a julgá-lo perdido para sempre...

As sete partidas do mundo já foram visitadas por algum natural de Perais.

Ainda durante a Segunda Guerra Mundial os territórios portugueses do Atlântico ou de África, tiveram na sua guarnição militar alguns Peraenses:

AÇORES: - Capitão de Inf^a, Manuel Freixo, 1.º Cabo de Enf.º (depois Furriel) Rafael Ruivo Ferro e 1.º Cabo Telegrafista, António Manuel Martins.

MADEIRA: - 1.º Sargento Art^a João Gomes Rodrigues².

CABO VERDE: - 1.º Sargento Inf^a, Domingos Roque Belo e soldado de Inf^a, Francisco Lopes Caetano.

GUINÉ: - Furriel de Inf^a, Alcino Esteves Martins.

¹ Nota do Editor (NE). C.E.P. - Corpo Expedicionário Português.

² NE. Trata-se do Autor da presente Monografia.

Também o Grumete António A. Rodrigues Gomes³ da guarnição do Aviso⁴ de primeira classe “Afonso de Albuquerque” num cruzeiro a África, visitou S. Tomé, Angola, Moçambique e os restantes arquipélagos do Atlântico.

Anteriormente já a possessão portuguesa da Guiné havia sido visitada pelo então 2.º Sargento da Armada, Manuel Amaro Martins; Angola, por João Paixão, da guarnição do cruzador “Vasco da Gama”, tendo esta colónia sido residência de Manuel Dias Carmona, tal como Moçambique o foi do activo, prático e engenhoso José Vicente Castelo, que sendo guarda-fiscal na Metrópole, passou à G.N.R., a seguir à Polícia e depois à Administração Civil da referida Colónia de Moçambique.

A Espanha, França, Bélgica, E.U. da América do Norte, Brasil e Argentina, são conhecidos de alguns Peraenses, que o estudo,⁵ a esperança de boa remuneração do trabalho, ou a contingência das guerras para lá atirou.

Alguns factos da história de Portugal não nos parecem descabidos nestes apontamentos, em virtude dos episódios que os mesmos provocaram na pacata aldeia de Perais:

Guerra da Sucessão:

Embora a tradição nada tenha feito chegar à memória das mais recentes gerações, sobre a guerra da Sucessão, na qual se fôssemos bem sucedidos,

³ NE. Irmão do Autor.

⁴ NE. Aviso - Navio de Guerra

⁵ NA. Dr. Manuel Amaro Martins, em missão oficiosa da Câmara Municipal de Lisboa.

teríamos aumentado bastante o território da Pátria, o facto é que tendo-se passado parte dos sucessos em Castelo Branco e Portalegre, dum e doutro lado, e não muito longe de Perais, é lícito supor que elementos das tropas portuguesas do Comando Superior do Marquês das Minas, e mesmo das tropas nossas inimigas, tivessem passado em Perais.

Em Vila Velha de Ródão não resta dúvida que passaram e estacionaram, pois em diversos meses do verão e outono do ano de 1705 e também em 1707 ali foram sepultados alguns soldados dessa Campanha.

Primeira Invasão Francesa – 1807:

Comandadas por Junot as tropas francesas entraram em Portugal pelo distrito de Castelo Branco, em cuja capital e vilas cometeram toda a casta de violência, especialmente a Divisão de Loison, o Maneta.¹

Alguns soldados franceses transviados e famintos, chegaram até Perais onde exigiram alimento.

Andando os homens nos trabalhos do campo, foram as mulheres que os receberam, as quais, receosas, iam cedendo às suas exigências estomacais, enquanto os maridos não chegassem, pois haviam sido avisados daquelas visitas indesejáveis.

¹ NE. A selvajaria deste militar francês perdurou de tal modo no imaginário popular que em linguagem coloquial quando se quer ameaçar alguém ainda se usa a expressão “vais para o Maneta”

As pessoas mais velhas contavam terem ouvido aos antepassados, que tendo os franceses chegado a Perais quando o forno estava a cozer, dali tiraram o pão mal cozido ainda e o comeram rapidamente, mesmo a escaldar.

Ao serem atacados pelos homens da Terra que entretanto chegaram, deram às de vila diogo, mas perseguidos, alguns foram apanhados e mortos, sendo tradicional que os mesmos foram enterrados no Montinho e Navejola.

Em Alfrívada onde os franceses também chegaram, roubaram uma junta de bois, segundo relação elaborada pelo Bispado de Castelo Branco e publicada por F. da Pina Lopes no *Jornal Beira Baixa* de 27-12-947.

Patuleia:

Cerca de 1836 passou em Perais um corpo de tropas que vinha de Castelo Branco a caminho do Alentejo.

Prevenido o povo de que na sua passagem, a soldadesca indisciplinada e com fome tudo o que fosse de comer levava, precaveu-se e metendo em arcas pão e carnes foram guardá-las nos matagais das barreiras do Tejo, ao Poço Escuro.

Como resultado, os soldados não encontrando que comer enfureceram-se, e incitados pelas cantineiras a exercerem violência, mostraram-se ameaçadores com o povo.

Foram então avisadas algumas pessoas para regressarem do esconderijo com provisões, que tendo sido entregues aos militares lhes mitigaram a fome e aplacaram as iras.

Retomaram em seguida a marcha em direcção ao Tejo, onde com a pressa de passar o rio e devido ao pouco rendimento da barca, esta foi carregada demasiado, tendo havido perigo eminente de afundamento, o que provocou tão grande alarme que a tradição não esqueceu.

Cordão Sanitário:

Em 1885 foi estabelecido pelo exército português um cordão sanitário ao longo da fronteira com a Espanha onde grassava uma epidemia.

Tinha este cordão a missão de evitar que algum indivíduo contagiado pudesse passar-se da Espanha para Portugal e aqui introduzisse a mesma doença.

Em Perais esteve um contingente dum regimento de Lisboa (?) desde Junho de 1885 a Fevereiro de 1886, que foi comandado por um oficial de apelido Aragão.

Destas tropas faziam parte, como soldados, António Lopes, de Vila Nova de Ourem, e Justino Ferreira, de Coruche, que casaram em Perais e aqui se fixaram.

A casa onde esteve aquartelado o destacamento é a actual residência de Francisco Gomes,¹ funcionando a cozinha na rua de Cima.

Guerra Civil Espanhola – 1936:

Ao romper duma manhã de verão ouviu-se o matraquear das metralhadoras de Franco em Cedilho. Os vermelhos para se escaparem à sua acção atravessaram o Sever para Portugal, o que fez comparecer em Perais um pelotão do Batalhão de Caçadores 6, comandado pelo Tenente Pires Antunes.

Templos e religião

Os primeiros templos construídos no distrito da freguesia de Alfrívada devem ter sido a igreja matriz daquela povoação e a ermida da Senhora dos Remédios.

Esta ermida foi edificada anteriormente a 1710 pois na mais próxima das 9 casitas suas vizinhas encontra-se na parte exterior da parede, uma pedra com a seguinte inscrição:

ESTAS CAZAS MANDOU
FAZER MANOEL DA CV
NHA DE OLIVERA DE CA

¹ Pai do Autor da presente Monografia.

STELO BRANCO POR SUA
DEVOÇÃO E A SVA CVSTA PE
DE HUM PN E HVMA AM PE
LLAS ALMAS DO PURGATORIO
ANNO DE 1710¹

A propósito da construção desta ermida, J. A. Porfírio da Silva diz no seu *Memorial Cronológico e Descritivo da cidade de Castelo Branco*,² publicado em 1853:

“Conta-se que a imagem desta Senhora fora encontrada há muitos anos em um sítio ermo e descampado dentro do distrito da freguesia de Alfrívada, a duas léguas de distância, e ao sudoeste de Castelo Branco, e como aqueles terrenos pertenciam à casa do falecido barão de Castelo Novo, julgou-se a família daquela Casa como proprietária da Santa Imagem, visto ser encontrada em terras suas, e a fez conduzir para a capela particular que tem na casa da sua residência, onde existe ainda hoje, tendo-se por isso movido grande questão entre aquela família e os habitantes da povoação de Alfrívada, que

¹ NE. Transcrição: “Estas Casas mandou fazer Manuel da Cunha de Oliveira de Castelo Branco por sua devoção e à sua custa. Pede um Pai Nosso e uma Ave-maria pelas almas do purgatório. Ano de 1710”

² NE. Referido na PORBASE – Base Nacional de Dados Bibliográficos com o seguinte endereço electrónico:

http://porbase.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=14310A8945R19.1083745&profile=porbase&uri=link=3100027~!7654251~!3100024~!3100022&aspect=basic_search&menu=search&ri=1&source=~!bnp&term=Memorial+cronol%C3%B3gico+e+descritivo+da+cidade+de+Castelo+Branco&index=ALTITLE

também se julgavam com direito à Imagem; mas não podendo estes alcançar a sua posse tomaram a resolução, e se possuíram da devoção de erigir naquele sítio uma Ermida, que lá existe, e nela colocaram uma outra imagem da mesma Senhora que muitos milagres tem feito a benefício dos devotos que invocam a sua protecção.

A maior concorrência e principal romaria a esta Senhora é no dia 8 de Setembro de cada ano”.

Em 1758, o pároco de Alfrívada, em resposta a um questionário a que teve de responder, também se referiu à Ermida da Senhora dos Remédios, dizendo que ela pertencia ao povo e que ali vinha muita gente de romagem em todo o tempo do ano principalmente no dia de São Bartolomeu até ao dia de Todos os Santos.

Actualmente o dia da grande romaria à ermida da Senhora dos Remédios, é 8 de Setembro.

A igreja de Alfrívada ainda é mais antiga, provavelmente, do que a ermida da Sa^a dos Remédios, pois da lenda da construção desta, verifica-se que Alfrívada já existia, e o padre António Carvalho da Costa no Tomo II da sua *Corografia Portuguesa, e Descrição Topográfica do famoso Reino de Portugal*,³ publicado em 1708, descreve Alfrívada com igreja paroquial, curado e três ermidas.

³ NE. Referida na PORBASE – Base Nacional de Dados Bibliográficos com o seguinte endereço electrónico:

http://porbase.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=14310A8945R19.1083745&profile=porbase&uri=link=3100027~!7445136~!3100024~!3100022&aspect=basic_search&menu=search&ri

Em 1758, porém, o pároco de Alfrívda que era cura anual apresentado pelos fregueses com a renda de setenta alqueires de trigo e quinhentos reis para vinho e hóstias, informava superiormente que só tinha duas ermidas: a de S. Miguel, no mesmo lugar, e a da Senhora dos Remédios, já referida, fora do lugar.

Portanto, se só havia duas ermidas, e vestígios de outras não se conhecem, o padre António Carvalho da Costa caiu em erro em 1708 ao atribuir três ermidas a Alfrívda, pois não podia referir-se à capela da Senhora de Lourdes, em Monte Fidalgo, que ainda não existia, embora o respectivo local já naquela data se encontrasse no aro da dita paróquia.

Em 1822 a igreja de Alfrívda já não se encontrava em bom estado de conservação, o que se pode verificar em um livro existente actualmente na igreja de Perais, no qual se vê o registo da despesa de 1500 reis com o telhado e reboco de cal daquela, o que corrobora a sua antiguidade.

Em 1879, em parte motivado pelo seu estado ruinoso, perdeu a categoria de paroquial que passou para uma nova construída em Perais em 1878 e foi aberta ao culto em Abril de 1879, depois do vigário geral do Bispado de Castelo Branco, por provisão de 9 do mês de Abril citado, deste último ano de 1879, mandar que o pároco da freguesia lançasse a bênção à nova igreja e cemitério, também acabado de construir.

=3&source=~!bnp&term=Corografia+portuguesa%2C+e+descri%C3%A7%C3%A3o+topogr%C3%A1fica+do+famoso+reino+de+Portugal&index=ALTITLE

A reunião das imagens dos Santos¹ fez-se processionalmente da arruinada igreja de Alfrívda para a nova de Perais, logo a seguir (de 19 a 24 de Abril), depois de rixas entre os dois povos, segundo se conta.

Na soleira, partida e já gasta, da entrada principal da arruinada igreja de Alfrívda, ainda se pode ver na metade à direita de quem entra a inscrição:

S A D ° B
CHIC
DEAN
D A E A S
LIE
PI Z A

A imagem de S. Miguel,² bem como os paramentos necessários para se poder celebrar missa, ficaram na igreja de Alfrívda, que tinha dois altares colaterais para Nossa Senhora do Rosário e para o Santo Nome de Deus, e o altar maior para o Santo António, orago da freguesia.

¹ NA. A de S. Pedro veio de Vila Velha, por a sua ermida estar arruinada.

² NA. Encontra-se actualmente na capela da S^a de Lourdes, devido à total ruína da Igreja de Alfrívda.

Santo António de Lisboa nasceu nesta cidade em 15 de Agosto de 1195 no reinado de D. Sancho I, e morreu em 13 de Junho de 1231, na cidade italiana de Pádua, durante o reinado de D. Sancho II de Portugal.

Era filho de pais pobres, Martim Bulhão e Teresa Taveira, e o seu nome secular foi Fernando Bulhões.

Ainda menino, seus pais dedicaram-no ao serviço da igreja, na Sé de Lisboa, onde aprendeu as primeiras letras e começou a revelar-se virtuoso.

Aos quinze anos entrou para o Mosteiro de S. Vicente e daqui passou ao de Santa Cruz de Coimbra, mostrando-se sempre humilde e dado à oração e penitência.

Desejando ir pregar a religião cristã a Marrocos, para ali se dirigiu, depois de ter passado à Ordem de S. Francisco, onde tomou o nome de Frei António.

Pouco depois do seu desembarque em África, regressava a Portugal por motivo de doença. O navio que o transportava, acossado por uma tempestade arribou à Sicília, passando Frei António dali a Itália, onde esteve em diversos conventos da sua ordem.

Muito humilde preferia os trabalhos modestos e viver entre os ignorantes do que com os sábios onde era seu lugar.

Apesar da vida retirada, a sua sabedoria e eloquência foram conhecidas e tornaram-no tão célebre que o próprio Papa e S. Francisco de Assis se maravilhavam dele.

Por ter falecido e vivido muito tempo em Pádua, também é conhecido por esse nome o nosso Santo António de Lisboa, o mais popular santo de Portugal, ao qual se ligam lendas graciosas, sendo também um dos portugueses mais universais.

Foi canonizado pelo Papa Gregório IX por bula de 1 de Junho de 1232, e as crónicas atribuem-lhe numerosos milagres.

Além da Igreja paroquial em Perais, da ermida da Senhora dos Remédios, da capela da Senhora de Lourdes em Monte Fidalgo, e da igreja e ermida de S. Miguel já derruídas e completamente abandonadas em Alfrívica, existem ainda na área da freguesia a capela da Senhora da Graça, em Locriz, e outra particular na Coutada, onde não se pratica o culto nem já há qualquer imagem.

Anteriormente a 1849 os habitantes de Perais iam praticar o culto e fazer o enterramento dos seus defuntos a Vila Velha de Rodam, onde era e ainda é padroeira a Senhora da Conceição, cuja imagem foi benzida em 1760 pelo fr. João Baptista, pároco da freguesia, o que se pode ler em um livro de registos da dita, existente no Tombo, em S. Vicente de Fora.

De 1849 a 1879 a gente de Perais deslocava-se a Alfrívica para praticar a religião, e os seus defuntos, depois de uma última viagem de cerca de 8 quilómetros, eram enterrados no cemitério do mesmo lugar, que era o único da freguesia.

Benzido o cemitério de Perais, aqui passaram a ser inumados todos os mortos da paróquia, com excepção dos de Alfrívida que ficavam no cemitério respectivo.

Como já foi dito, a bênção da igreja de Perais, acabada de construir, foi lançada em Abril de 1879, mas antes houve disputa entre o partido dos habitantes de Alfrívida e do Monte Fidalgo, chefiado por Domingos Belo, do último lugar, que não queriam vê-la edificada em Perais, e o deste povo, capitaneado por João Lopes Esteves, que venceu, mercê da justiça da sua pretensão e da influência do Dr. Agostinho Fevereiro e do seu filho Artur, secretário do Ministério do Reino, que patrocinaram as aspirações de Perais.

Na igreja deste povo existe um livro de capas de pergaminho com os seguintes termos de abertura e encerramento:

“Este livro há-de servir para nele se lançarem as parcelas da receita e despesa da fábrica menor da Igreja d’ Alfrívida d’ este Bispado; para numerar e rubricar dou comissão ao p^e. João Marques Leite, que fará tão bem termo d’encerramento. Castelo Branco 20 de Nov^o de 1821”

O Vig^o Geral interino

sou Marques Leite”

“Tem este Livro cento e três folhas com esta do Encerramento, que todas vão numeradas e rubricadas com o apelido de que uso – Leite – em virtude da comissão que me foi dada.

Castelo Branco, 20 de Novembro de 1821”

João Marques Leite”

Este livro que como se verifica foi destinado à conta corrente das receitas e despesas da igreja de Alfrívida, foi depois utilizado para registo de pastorais, voltando no ano de 1857 a servir de conta corrente ao fabriqueiro Manuel Roque e novamente a registo de pastorais.

Consta também neste livro que o padre que tomou posse da paróquia em 1822, fez declaração de não ter recebido do seu antecessor as importâncias de 120 reis da covagem de “hum anjo de Manuel Calcinha” e de 240 reis da covagem de um adulto que no mesmo estão registados.

O pároco da freguesia, à data da bênção da igreja de Perais e da transferência para aqui das imagens dos Santos que se encontravam em Alfrívida, chamava-se José António Duarte d’Oliveira e era natural de Cebolais de Cima, onde residia.

Poucas vezes devia ter vindo a Perais.

Logo nos primeiros tempos após a abertura da igreja ao culto em Perais aqui veio o pároco de Sarnadas, Izidoro Gomes Ruivo.

O padre Manuel Pires Pombo que foi pároco da freguesia, foi o primeiro que fixou residência em Perais, o que devia ter sucedido em 1879. Era natural de Vermum, freguesia do Fratel.

Outros padres residiram em Perais, o último dos quais Serafim Serra, aqui celebrou a sua primeira missa no dia 11 de Agosto de 1929, em que chegou, vindo do Seminário. Por sua iniciativa organizou-se a Corporação Fabriqueira Paroquial da freguesia de Alfrívda, cujos estatutos foram aprovados pelo Bispado de Portalegre em despacho de 14 de Agosto de 1930. Este padre foi transferido para outra freguesia em princípios de 1933.

A paróquia, que até 1882 pertenceu ao Bispado de Castelo Branco, foi visitada pelo seu vigário geral em 1823.

Perais já por duas vezes teve a visita de Bispos de Portalegre, a cujo bispado pertence desde 1882. A primeira em 1892 ou 1893 por D. Gaudêncio José Pereira, que veio de Cebolais de Cima e para lá voltou, depois de ter estado na igreja e na residência de João Lopes Esteves. A segunda visita teve lugar em 27 de Setembro de 1945, por D. Domingos Maria Frutuoso.

Talvez em virtude de grandes ausências de pároco na freguesia, os seus habitantes não são, geralmente, dos mais religiosos, sendo contudo respeitadores de Deus e das coisas religiosas.

População

A freguesia de Alfrívda é ainda hoje pouco populosa e quando da sua criação era muito fracamente povoada.

Ribeirinha do Tejo, e tendo os rios sido, antes da invenção e vulgaridade das estradas, as vias de comunicação mais fáceis das populações primitivas, não é ousado afirmar que desde os selvagens da época quaternária e dos iberos e celtas, elementos de todos os povos que vieram à península hispânica calcorrearam estas paragens.

Assim, sendo o coração da Lusitânia de Viriato relativamente perto, facilmente se crê que os lusitanos por aqui andaram.

Os Vetanes, outro povo resultante da fusão dos celtas com os iberos, dos quais derivou o nome de beirões depois de ter passado por berones, que invadiram a região da moderna Beira, decerto que também visitaram esta área.

As antas e os numerosos objectos de cerâmica e pedra polida encontrados, são outras tantas provas da passagem de povos antigos pela região.

O castro luso-romano dos “Castelos” é testemunha evidente da estadia dos romanos na localidade, que embora mais tarde fossem vencidos pelos bárbaros e dominados definitivamente pelos visigodos, obrigaram estes a manterem-se onde quer que eles estivessem devido à sua atitude de rebeldia. Deste modo também os visigodos andaram pelas terras beiratejanas que hoje constituem a freguesia.

Os topónimos de Buraca e Cabeça da Moura, o cachão do Algarve, o próprio nome de Alfrívda e ainda os “Contos” de tesouros escondidos e guardados à vista por mouras encantadas, que a tradição trouxe até nós, são, parece, indicação suficiente de que os mouros aqui permaneceram.

Por altura da conquista da Beira por D. Afonso Henriques, não foi encontrada população árabe que, como é provável, recuou para sul, em frente do conquistador doutra religião.

Finalmente com a doação da extensíssima herdade da Açafa feita por D. Sancho I aos Templários, para a defenderem e povoarem, é naturalíssimo que esses monges cavaleiros fizeram algumas jornadas e vigias pela região, tanto mais que Vila Velha cedo foi habitada por cristãos.

Na corografia já referida, da autoria do padre António Carvalho da Costa, são atribuídos 30 vizinhos a Alfrívada em 1708; estes vizinhos devem significar indivíduos e talvez se refira a todas as pessoas da freguesia, com inclusão portanto dos habitantes de Monte Fidalgo que lhe pertencia.

Perais, ao tempo da freguesia de Vila Velha, tinha nos começos do século XVIII uma população de cerca de 15 fogos, como se pode observar no livro de assentamento de óbitos da freguesia, iniciado em 1704 e arquivado em S. Vicente de Fora.

Coutada, Locriz e Vale de Pousadas tinham menor população do que Perais nesta data, segundo se infere do livro citado.

A Casa Telhada devia nesta época ser constituída só por um casal, como cinquenta anos mais tarde ainda era.

Em 1758 a população dos lugares da actual freguesia era a seguinte:

Alfrívada: onze vizinhos (fogos) e trinta e seis pessoas;

Perais: catorze vizinhos;

Coutada: quinze vizinhos;

Vale de Pousadas: sete vizinhos;

Casa Telhada: um vizinho;

É desconhecida a população que nesta data tinham Monte Fidalgo e Locriz.

No ano de 1842 a freguesia de Alfrívada, constituída por esta povoação e por Monte Fidalgo, tinha 34 fogos, conforme publica um Diário do Governo daquele ano.

Segue-se um quadro da população oficial apurada nesta freguesia, nos oito censos gerais que até esta data houve em Portugal.

Verifica-se que de censo para censo a população aumentou, do mesmo modo que cresceu o número dos que sabiam ler e que até ao ano de 1900 raras eram as mulheres que na freguesia conheciam o alfabeto.

Data	Fogos	Habitantes (total)	Instrução		Observações
			Sabem ler	Analfa- betos	
01-01-1864	96	378 (a) V:202 / F:176	(Não consta por freguesia)		(a) existiam: 91 crianças até aos 10 anos; 22 até aos 2 anos; e 11 até aos 12 meses; dos 86 aos 90 anos existiam 2 fêmeas.
01-01-1878	115	404	43 (b)	361	(b) 11 eram fêmeas. Deve haver exagero nestes números pois ainda não havia escola em Perais.
01-12-1890	139	506	39 (c)	467	(c) 3 eram fêmeas.
01-12-1900	148	575	52 (d)	523	(d) 2 eram fêmeas.
01-12-1911	873	4123	552	3571	Estes dois censos foram feitos em conjunto com a freguesia de Ródão por a de Alfrívda lhe estar anexada
01-12-1920	898	4099	732	3367	
01-12-1930	257	1113	233 (e)	880	(e) 61 eram fêmeas.
01-12-1940	367	1381	366 (f)	1015	(f) 142 eram fêmeas.

O censo de 1940 foi o primeiro em que a população ficou discriminada por lugares. Na área da freguesia de Alfrívda a população estava distribuída pelos lugares como segue:

Povoação	Fogos	Habitantes
Perais	159	562
Monte Fidalgo	97	329
Vale de Pousadas	35	128
Alfrívda	29	127
Monte da Coutada	10	27
S ^a dos Remédios	8	30
Monte do Locriz	8	28
Isolados e dispersos	21	150
Total		1381

Por esta relação se vê que Perais com os seus 562 habitantes tem quase tantos como os de Monte Fidalgo, Vale de Pousadas e Alfrívda reunidos, constituindo a sua população mais de 4/10 da da freguesia.

Em comparação com a população das quatro freguesias do Concelho, a de Alfrívda é a menor e a de Rodão é a maior com 3.759 habitantes.

As freguesias de Fratel e Sarnadas têm respectivamente 2.836 e 1.663 habitantes.

Perais ocupa o terceiro lugar entre as povoações do Concelho, estando Fratel à cabeça com 928 habitantes e Sarnadas a seguir com 587. Depois de Perais estão Vila Velha com 528, Porto do Tejo com 479 e Gavião com 429 habitantes.

Dos 46 lugares habitados do concelho de Vila Velha de Ródão, 7 estão na área da freguesia de Alfrivida, e só as quatro sedes das freguesias ultrapassam o meio milhar de almas.

Como curiosidade segue-se uma relação de casais que aproximadamente residiam em Perais na primeira década do século XVIII, ou melhor, de 1704 a 1714:

- Manuel Mendes e Maria Mendes
- António Fernandes e Maria Fernandes
- Domingos Rodrigues e Isabel Gonçalves
- Pedro Mendes e Ana Rodrigues
- João Fernandes e Isabel Mendes
- Manuel João e Maria Gonçalves
- Francisco Dias e Maria Pires

- Manuel Martins e Maria Nogueira
- Domingos Fernandes Rapado e Elena Fernandes
- Gaspar Fernandes e Sebastiana Domingues
- Manuel Lourenço e Maria Gonçalves
- Francisco Rodrigues e ...
- Francisco Dias e Isabel Fernandes, e mais tarde Maria Alves
- Domingos Antunes e Maria Fernandes
- Pedro Martins e Maria Fernandes.

Instrução

Nos meados do século XIX ninguém em Perais tinha conhecimento do alfabeto. As pessoas que nesta época necessitavam de trocar correspondência iam ter com António Dias, cadeireiro em Vale de Pousadas, que lhes escrevia e lia as cartas. Este indivíduo parece que era oriundo de Gavião e tendo casado naquele lugar ali fixou residência.

Mais tarde Manuel Gonçalves Castelo, vulgarmente conhecido por Manuel Godinho, natural de Perais e filho de João Godinho e Ana Castelo, sendo

criado do Dr. Agostinho Fevereiro, foi mandado por este à escola de Vila Velha onde aprendeu a ler e a escrever alguma coisa.

Manuel Castelo foi assim o primeiro indivíduo nado e criado em Perais de que há notícia que soube ler.

Este homem foi trabalhar na construção do caminho-de-ferro do Leste, onde ganhou algum dinheiro e experiência de vida. Ao voltar a Perais tornou-se aqui o “mandão”, possivelmente o delegado da autoridade, cuja situação aproveitou despido de sentimentalismo, o que não lhe deu simpatias do povo.

Cerca de 1870, uma meia dúzia de garotos¹ de Perais foram mandados a Alfrívada receber lições do pároco, padre José, mas nada aproveitaram porque os rapazes na maior parte dos dias, em vez de comparecerem em Alfrívada, entretinham-se pelo caminho, regressando a Perais sem lá terem chegado.

Também por esta época vieram de Cebolais de Baixo, João Dias e João Lopes Esteves (era manco) que casaram em Perais, onde fixaram residência, bem como Joaquim Tavares da Rocha, vindo de Vila Velha de Ródão.

Estes indivíduos sabiam ler alguma coisa e João Lopes, sendo feitor da Coutada e Urgueira, das quais era proprietário o Dr. Agostinho Fevereiro, tornou-se graças à sua acção e empenhos do patrão, o homem influente da terra.

Casou com Amália Vicente e tiveram cinco filhos, o mais velho dos quais, José Lopes Esteves, havia de vir a ser professor oficial em Perais.

Talvez a instâncias de João Lopes, começou-se a dar escola em Perais, tendo a Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão contratado um tal Jerónimo para o fim, possivelmente em 1879 ou 1880, datas prováveis da criação da escola.

A seguir veio leccionar o professor oficial João José Carvalho, natural de S. Miguel de Acha, que esteve alguns anos em Perais.

Não foram muitos os alunos do professor Carvalho que ficaram a ler e escrever correctamente, mas a sua acção, no primeiro embate com a ignorância dos rudes agricultores de Perais, tinha fatalmente de ser limitada.

Um pequeníssimo número de pais compreendia as vantagens da instrução, por isso a frequência escolar era reduzida, mesmo proporcionalmente à diminuta população da aldeia.

Contudo, a passagem do referido professor Carvalho pela terra foi muito benéfica, porque além de José Lopes Esteves, José dos Santos e José Gomes terem ficado a ler e escrever correntemente, e outros iniciados na leitura e na escrita, criou-se ambiente mais favorável à escola e nos espíritos dos Peraenses maior inclinação para as letras, tanto assim que em 1886, quando Sebastião dos Santos veio de Vila Velha preencher o lugar de professor, já houve mais alunos e vários adquiriram ligeiros conhecimentos.

A rotina é terrível inimiga da novidade...

¹ NA. Os irmãos Agostinho e João Marrucho, José Martins, etc.

Se por toda a parte e em todas as épocas as inovações têm sido mal recebidas e muitas vezes perseguido quem as apresenta e defende, porque admirar-nos de em Perais os cavadores não receberem com entusiasmo essa novidade da instrução?

Apesar de tudo, estes primeiros contactos com a escola fizeram nascer um raio de luz nas inteligências acanhadas dos trabalhadores da terra de Perais e, como o pirilampo não pode vencer as trevas da noite, assim o facho de luz do professor não rompeu integralmente a ignorância desconfiada dos aldeões sertanejos. Lançou, porém, o gérmen duma nova mentalidade que mais tarde havia de frutificar.

Substituiu Sebastião dos Santos em 1890, o professor de nomeação interina José Lopes Esteves, natural de Perais.

Também José dos Santos, filho de Manuel Gonçalves Castelo, leccionou particularmente em algumas povoações vizinhas, entre as quais Monte Fidalgo e Sarrasqueira.

José Lopes Esteves apresentou a exame de instrução primária, em 1895, os seus primeiros alunos que eram Agostinho Carmona e Manuel Bicho Castelo.

Exerceu o magistério de 1890 a 1926, durante 36 anos ininterruptos, nos quais muitos rapazes e algumas raparigas aprenderam a ler e fizeram exame do 2º. Grau da instrução primária.

Se não era muito culto, sabia ao menos o necessário para desempenhar a sua missão, o que fez com afincos, levando o seu génio irascível, por vezes, ao exagero na aplicação de castigos.

Um seu filho, Luís Castelo Lopes, foi o primeiro individuo natural de Perais que frequentou e completou (1917 a 1919) um curso superior, o da Escola do Exército, tendo sido promovido a alferes de infantaria em 1919.

Em 1916 ou 1917 foi criada em Perais uma escola móvel para o sexo feminino, sendo o lugar ocupado pela professora oficial S^a D. Palmira de Abreu, que aqui faleceu pela Pneumónica. Esta escola funcionou num primeiro andar de um prédio de José Ferro e Ana Lopes, próximo do adro.

No ano de 1925 foi construído o edifício para a escola do sexo feminino criada, tendo vindo no mesmo ano exercer aqui o magistério, a professora oficial S^a D. Maria Bentinha Belo.

Em 1946 foi edificado na parte oeste da povoação o edifício para a escola do sexo masculino, a qual começou a funcionar no ano lectivo de 1947-48 fechando a sala do primeiro andar da moradia do professor José Lopes Esteves, ao lado da Igreja, onde a mesma vinha funcionando desde 1890.

Digno de relevo e um exemplo a seguir é o caso do peraense Manuel Amaro Martins que sendo sargento da Armada, conseguiu só por si, mercê de uma grande força de vontade, espírito de sacrifício e outras faculdades vencer todas as dificuldades e completar a formatura de médico-veterinário em 1935.

A primeira senhora de Perais que cursou a universidade, primeiro em Lisboa e depois no Porto, foi D. Graciosa Honrado Pires, que completou os cinco anos do seu curso de farmácia em 1943.

Como comentário final deste capítulo diremos que entre a mocidade de Perais é raro encontrar-se um analfabeto, e se a percentagem de analfabetismo é elevada na freguesia, deve procurar-se a causa disso no facto da população quarentona, especialmente feminina, ter bastantes elementos analfabetos e, principalmente na ausência de escolas que tem havido nos lugares de Alfrívda, Monte Fidalgo e Vale de Pousadas.

Actualmente e desde alguns anos atrás, os dois primeiros têm postos escolares o que já remedeia em parte a situação.

Presentemente vários elementos de Perais frequentam escolas secundárias e superiores, dos quais o progresso e prestígio da Terra muito têm a esperar.

Posto da Guarda Fiscal

A Guarda Fiscal militarizada foi criada pelo Decreto nº 4 de 17 de Setembro de 1885, em substituição dos fiscais de alfândega, sendo Presidente do Ministério A.M. Fontes Pereira de Melo e ministro da Fazenda E. R. Hintze Ribeiro.

Logo na primeira relação anexa ao Decreto que criou esta Guarda constam os postos de 3ª. Classe: de vigilância e serviços especiais de Vila Velha de Ródam, da secção da Sertã e distrito de Idanha-a-Nova; de registo e despacho

de Monte Fidalgo da secção de Malpica também do distrito de Idanha-a-Nova e de registo e despacho do Sever da secção de Montalvão e distrito de Castelo de Vide.

A fiscalização do contrabando ou das mercadorias que transitarem pelo rio Tejo era feita pelos remadores do posto fluvial da Foz do Sever que tinha para esse efeito um escaler.

No ano seguinte, o Decreto de 20-09-1886, sendo ministro da Fazenda Mariano Cyrilo de Carvalho, deu nova organização à Guarda Fiscal.

Apareceram os batalhões nesta corporação, ficando a freguesia de Alfrívda na área do batalhão nº 2, com sede em Coimbra.

Nesta organização não é mencionado o posto de Vila Velha de Ródam, continuando a sê-lo os de Monte Fidalgo e o de Sever, que ficaram pertencendo às mesmas secções e distritos, e o de Monte Fidalgo à 2ª. Companhia de Idanha-a-Nova, e o de Sever à 4ª. Companhia do batalhão nº 1 com sede em Lisboa.

A secção de Montalvão foi transferida para Nisa pelo Dec. De 4-X-1888.

Em 1891, na nova reorganização de Mariano C. de Carvalho, cita-se pela primeira vez, na tabela nº 1 do Dec. de 3 de Dezembro, o posto de Perais, reaparecendo o de Vila Velha de Ródam.

O posto do Sever continua a citar-se e ao de Monte Fidalgo não se faz menção.

Parece que este posto foi desguarnecido após ter caído uma fâisca na respectiva cazeta, e voltou a ter guarnição depois de uma questão entre dois guardas do posto de Malpica (Tomé e Caldeira) e quatro remadores (Ag. Marrucho, A. Paixão, J. Castelo e F. Serra) do posto da foz do Sever, em que estes fizeram uma apreensão aventureira de tabaco, tendo o remador Castelo atingido com um tiro um contrabandista que sofreu fractura de uma perna pela coxa e perfuração da outra coxa e de um testículo.

Queriam os guardas que as malas apreendidas fossem para Malpica por ser mais perto diziam, mas os remadores que pertenciam à secção de Nisa e que foram os autores da apreensão, não estiveram de acordo e levaram para a sua secção o contrabando e o ferido que em sofrimento atroz durante o seu transporte com os meios de fortuna de que houve possibilidade e através de grandes extensões de barreiras quase intransponíveis obrigava a queixumes lancinantes.

Das participações do ocorrido, dos guardas e dos remadores, resultaram averiguações do Comandante de batalhão, que tendo visto a cazeta de Monte Fidalgo abandonada deu ordem para que fosse guarnecida (nesta época fazia-se um grande volume de contrabando de tabaco da Espanha para Portugal, chegando a contar-se num só grupo cerca de 100 contrabandistas!).

O mapa nº 9 anexo ao Dec. de 21-I-1892 elucida que os postos de Perais e Vila Velha de Ródam ficaram dependentes da secção de Castelo Branco, da 2ª. Companhia em Penamacor e do Batalhão nº 2 em Coimbra.

Em 1894, o Dec. nº 3 de 27 de Setembro, refere-se aos postos alfandegários de Foz do Sever, Vila Velha de Ródam e Perais, e ao posto de despacho de 1ª. Classe do Sever, em correspondência com o posto espanhol de Herrera de Alcântara.

Os guardas que primeiro guarneceram o posto fiscal de Perais vieram de Castelo de Vide e instalaram-se primeiramente na “Casa branca” do largo da Estalagem.

A criação do posto da Guarda Fiscal em Perais foi benéfica para o povoado pois trouxe aqui vários indivíduos que com mais experiência da vida e maior conhecimento do mundo que os naturais, contribuíram para o seu desenvolvimento.

Entre os que vieram deve ser destacado o 1º. Cabo Manuel Martins Velho, natural de Inguias, funcionário zeloso e inquebrantável, ríspido e inflexível, no serviço ou na educação dos filhos. Tinha também um espírito cheio de vivacidade sempre pronto a anedota salgada. Dos seus filhos, seis chegaram à maioridade e cinco deles foram ou são sargentos das forças armadas, tendo o mais velho concluído a formatura de veterinário e o imediato promovido a oficial.

A exiguidade da remuneração do trabalho sol a sol nesta região, e o exemplo da vida dos guardas-fiscais, menos trabalhosa e melhor remunerada, levou e está levando muitos dos rapazes de Perais, como aliás de toda a freguesia, a procurarem o alistamento na referida corporação, ou na GNR. Assim surgiram nessas guardas, recrutados de Peraenses, vários sargentos, tendo um deles,

Manuel Freixo, filho do G.F. João Freixo, atingido o oficialato em 1930, o qual foi também o primeiro indivíduo natural de Perais que concluiu (em 1926) o curso da Escola Central de Sargentos.

Solo

O solo de grande parte da área da freguesia é arenoso, com abundantes cascalheiras de calhaus rolados ou de penedos brancos de quartzo.

Outra parte do solo é constituída por uma delgada camada de terra arável que mal cobre as “piçarras” que aqui e ali rompem agrestes do chão.

Estas terras “magras” existem em maior extensão nas barreiras íngremes da orla noroeste, e a sudeste nas encostas do Tejo e Ponsul e dos ribeiros seus afluentes.

Esta camada fina de terra argilosa jamais consegue engrossar, pois a acção erosiva das águas vai transportando para os vales, quanta se vai formando pela acção do homem à custa da desagregação das rochas xistosas de que as regiões citadas são grandes depósitos.

Nos vales das ribeiras os terrenos são de aluvião e embora os materiais para ali transportados pelas águas pluviosas não sejam muito ricos, ainda são contudo os mais férteis da freguesia.

As “areias” estendem-se por uma grande superfície e nelas vegetam miríades de azinheiras.

Nestas terras arenosas cheias de raízes teimam os beiratejanos em, semear o centeio, cuja produção quase sempre não compensa o trabalho realizado e as despesas feitas.

Nas cascalheiras, a maioria delas a coroar os cabeços, decerto por acção das águas que em tempos recuados cobriram toda a terra baixa, multiplicam-se as oliveiras que se dão bem em terrenos soltos.

É esta uma região de muitos “conhos”, não só na parte alta das elevações, mas também pelas encostas e vales, para onde as correntes das “barrocas” os carreiam.

A existência destes calhaus rolados é a prova de que durante muitos e muitos anos foram lambidos pelas águas que logicamente seriam as do Tejo e Ponsul, e ainda primeiramente pelas dalgum lago ou braço de mar dos períodos primário e secundário.

A quase totalidade dos terrenos da freguesia, são de formação terciária (*Atlas* de João Soares).

Do subsolo somente se tem extraído pedra xistosa (não há outra) para as construções e lajes para os pisos térreos das habitações, sem contar, é claro, com, a água que se bebe e com que se “ogam” as hortas.

Orografia

Não há grandes elevações em toda a extensão da freguesia, mas o terreno é bastante acidentado, com declives que chegam a ser muito acentuados nas margens do Tejo, nas dos cursos inferiores dos seus afluentes e em todas as “Barreiras” a NO, que dão início à serra das Olelas com o ponto de cota mais elevado a norte de Retaxo.

A encosta do Tejo erichada de rochedos pontiagudos, forma uma comprida escarpa de piso difícilimo e cheia de precipícios onde os mais hábeis “alpinistas” encontram dificuldades inumeráveis.

Esta colossal ribanceira tejana está povoada de zambujeiros, grande parte deles enxertados e produzindo, em anos não muito secos, boa azeitona cuja apanha traz em constante sobressalto os azeitoneiros. Um deles que caísse desequilibrado dum árvore morreria afogado nas verdes e profundas águas do Tejo, se a ele chegasse com vida, se no trajecto não ficasse espetado nalgum estadulho ou ponta aguçada de pedra.

Sensivelmente no limite noroeste da freguesia, mas dentro da área desta, da Portela ao Ponsul, estão as “Barreiras” assinalando o abatimento das terras baixas da Ribeira em contraste com a meseta castelhana.

Estas Barreiras são muito íngremes e só de longe em longe se consegue, por difíceis caminhos fazer a passagem de carros através delas.

De oeste para leste e desde o seu início na Portela, onde irradia a estrada de Perais, conta-se o caminho de S. Gens, nas proximidades dos Castelos e Vale

de Pousadas, pelo qual descem os carros de bois de Retaxo e Cebolais de Cima para o Locriz e Vidigueira, os quais têm de regressar quando carregados descendo o caminho da margem direita da ribeira até à estrada, dando uma volta enormíssima.

Mais a nascente há o caminho da ladeira do Muro e a seguir o das Areias que liga a região de Alfrívica a Cebolais e Retaxo e é o melhor de todos os caminhos das referidas Barreiras.

Na parte leste destas, existe o caminho do Ribeiro do Barco, a servir a povoação de Maxiais já no caminho de Castelo Branco.

Os restantes caminhos existentes aqui e além, não passam de veredas quase inacessíveis às cavalgadas.

Entre as Barreiras e o Tejo o terreno é bastante movimentado com mais de meia dúzia de cabeços a salientarem-se das continuadas ondulações, sendo a maior cota, na região de Monte Fidalgo com 273 metros.

Estas elevações maiores estão em regra coroadas de alvejantes talefes a marcar os pontos trigonométricos.

O de Perais, na Cascalheira, tem a cota de 194 metros, e o moinho de vento a leste da população a de 196, sendo o da Cabeça Dega também desta ordem.

Hidrografia

Além dos rios Tejo e Ponsul nos limites sul e leste, respectivamente, a área da freguesia não é percorrida por cursos de água permanentes.

Há no entanto alguns dignos de menção, como sejam as ribeiras do Locriz e de Alfrívada, o Ribeirão e os ribeiros da Urgueira, dos Estamujais e do Prior.

- A ribeira do Locriz é também conhecida, a jusante deste Monte, pelos nomes de Coutada, Cimeira, do Meio e Fundeira, e tem a sua nascente nas Barreiras, nas proximidades dos Castelos.

Corre paralelamente ao Tejo na direcção geral de NE-SO, por um vale largo escasso de pedra, até se incorporar na ribeira do Açafal, perto da foz desta no Tejo, não muito a montante das Portas de Ródam.

O seu curso, ainda perto da nascente, banha a boa propriedade denominada Vidigueira, passa por Vale de Lagar, a pouca distância a norte de Vale de Pousadas, recebendo aqui as águas de Vale de Barrocas, entra no valioso Monte do Locriz que banha em toda a sua largura e em cujos terrenos baixos e marginais se produz em grande quantidade milho, feijão, melancias e hortaliças.

A ribeira segue agora entre os Montes da Coutada e Urgueira, tomando o nome daquele, até ao limite da freguesia, cultivando-se ao longo de toda ela as mesmas culturas do Locriz.

A ribeira do Locriz é o maior curso de água que corre entre terras da freguesia de Alfrívada, chegando a ter grandes cheias no inverno, que tornam a sua passagem a vau, impossível a peões e muito arriscada a veículos ou quadrúpedes.

Para se passar a ribeira sem perigo no inverno, existe a ponte por onde passa a estrada de Perais, e um pontão no sítio onde é designada por Fundeira, próximo da fonte dos Piolhos, onde houve um grande atoleiro.

No verão perde a corrente ou tem-na insignificante aqui e além, e pequenos espaços do seu percurso.

Esteve povoada de pequenos peixes que com as secas e a acção do homem são cada vez em menor número.

O seu vale, o maior e mais fértil da região, tem bastantes poços para reservatórios de água, a qual é tirada para a rega, por noras ou motores, que existem em número apreciável. Nele existem dois fornos de telha e tijolo, no Locriz junto à estrada.

Recebe a ribeira, pela margem direita, os seus dois afluentes maiores: os ribeiros dos Estamujais e do Prior.

- O dos Estamujais, cujo percurso na Terr'Alta é conhecido por ribeiro do Pato, nasce entre Retaxo e Cebolais de Cima, e correndo para sudoeste passa à fonte do Pato (Cebolais de Baixo), Cai d'Alto e inflectindo mais adiante para sul passa nas Quebradas e Estamujais onde recebe o nome, entra em terras do

Locriz indo lançar-se na ribeira não distante dos barrancos de Vale de Pousadas.

No inverno chega a adquirir grandes enchentes o que torna perigosa a sua vadeação nessas ocasiões.

- O ribeiro do Prior tem a nascente nas hortas de Sarnadas, ao Vale do Forno, e correndo para sul através das terras montanhosas do Monte do Prior, entra na Coutada que atravessa passando a leste das respectivas Casas, incorporando-se pouco depois na ribeira a montante da ponte, entre esta e o açude, onde existiu um lagar de azeite.

- A ribeira de Alfrívada, também chamada a Ribeirinha, nasce como a do Locriz, nas proximidades dos Castelos, nos contrafortes das Barreiras de Cebolais, e o seu curso correndo para leste por entre azinhais e olivais que povoam a sua bacia, banha Alfrívada indo depois lançar-se no rio Ponsul.

Esta ribeira quase que seca no verão, mas no inverno, especialmente durante chuvadas, chega a constituir perigosa aventura a sua travessia, que só se pode efectuar seguramente no pontão existente junto de Alfrívada.

As suas terras marginais são férteis à volta da povoação que lhe dá o nome e a montante desta há um forno de telha junto do pontão referido.

A rica propriedade da Vinha do Tourão encontra-se no vale desta ribeira a oeste e não muito longe de Alfrívada.

- O Ribeirão, com a direcção geral de NNE-SSO, nasce no Monte da Sabrosa, entre Monte Fidalgo e a ermida da S^a dos Remédios, e o seu percurso, depois de passar pelas terras chãs da Lameira, onde se cultivam produtos hortícolas e outros, comuns à ribeira do Locriz, vai deslizando por terrenos cada vez mais acidentados, para acabar no Tejo pouco depois do Poço Escuro que uma alta queda de água escavou com o rolar dos tempos. Assim, o seu percurso a jusante do Cabeção é ladeado por encostas de declives rápidos que se tornam muito íngremes e com um piso difícilimo, nas imediações do citado Poço Escuro.

Nesta região e durante o inverno, as águas do Ribeirão são muito impetuosas, formando uma verdadeira torrente.

Na primeira parte do seu curso, as águas deslizam pelas terras quase planas e soltas da Lameira, lava-as e forma areais nas “baixas”, que vão prejudicando as culturas. A última parte desenvolve-se em “terras de lavra” erçadas de “canchos”. É nesta segunda parte que existe um pontão no caminho para Monte Fidalgo e uma azenha para moagem de cereais, entre os caminhos do Monte Fidalgo e da Junqueira, mais próximo deste. Este moinho está parado a maior parte do ano, permitindo as águas do Ribeirão o seu funcionamento, geralmente só no inverno.

- O ribeiro da Urgueira é, entre os mencionados, o de menor volume de águas e o mais próximo de Perais, ficando-lhe a noroeste.

Este ribeiro forma-se de duas barrocas que nascem uma a sul e a pequena distância de Vale de Pousadas e a outra perto da sobreira da Meia Légua que

correndo para sudoeste vem confluir com a primeira a norte da Tapada da Urgueira, a qual é ladeada pelo sul pelos dois regatos confundidos já numa só corrente que vai passar muito perto das Casas do Monte. O curso continua para sudoeste por entre azinhais até à estrada. Aqui toma a direcção sul, aproximadamente e passando pelo Montinho, pelo Barro da Capela e pela Ferradura, lança-se na margem direita do Tejo, pouco depois da Buraca da Moura.

O ribeiro em questão só em ocasiões de grandes bátegas toma enchentes consideráveis, as quais não oferecem perigo até à confluência com o ribeiro do Juncalinho, junto à estrada, e mesmo a jusante desta, raramente são perigosas as suas passagens.

Este ribeiro delimita das pequenas propriedades de Perais o latifúndio das Areias Brancas e passa pelo centro de outro grande latifúndio da Urgueira, ambas propriedade de João Laia Nogueira, de Gavião de Ródam.

- O ribeiro do Juncalinho nasce à sombra da velhíssima sobreira da Meia Légua, corre para sul pelo Juncalinho, passa à Azambuja, ao Coucão, à Cerejeira e vai confluir com o da Urgueira cerca de cem metros a montante da ponte na estrada de Perais.

Mais pequeno ainda que o da Urgueira, do qual é subsidiário, passa também mais perto de Perais, da qual não dista, entre os sítios do Coucão e da Cerejeira no caminho do Locriz, mais de um quilómetro.

Só tem água corrente nas estações de maiores chuvas, isto é, no inverno e primavera, em que serve de lavadouro às mulheres de Perais.

Na sua margem direita termina o Monte da Urgueira, e na esquerda, bem como nas barrocas que a ele confluem, se encontra grande parte das hortas de Perais.

Flora

Toda a área da freguesia está coberta de arvoredos, com excepção das encostas e cimos das “Barreiras” na orla noroeste que não é arborizada ou o é fracamente.

As azinheiras e oliveiras são as espécies que mais abundam, vindo a seguir o sobreiro, o pinheiro, a figueira, a pereira, a laranjeira, a ameixoeira, o pessegueiro e em menor número quase todas as espécies de árvores de fruto das diversas regiões de Portugal.

Há também videiras em latadas ao longo dos muros e não em grandes vinhas que nem mesmo nas maiores propriedades existem muito extensas.

A oliveira, porém, é a árvore querida, aquela por quem se tem sacrificado muitos sobreiros e azinheiras, o que em parte se justifica, por ser ela que, em conjunto, de facto traz maiores rendimentos aos proprietários. O seu número tem aumentado imenso, ao contrário do que se tem passado a respeito de

azinhos e especialmente de sobros. Mas ainda é susceptível de aumentar mais, o que há-de suceder sem dúvida.

As oliveiras produzindo anualmente muitos milhares de litros de azeite, constituem a maior riqueza da freguesia, porventura a sua verdadeira e única riqueza.

- A azinheira é ainda hoje a árvore mais numerosa da região, e o seu fruto engorda por ano, algumas centenas de suínos.

Algumas destas árvores produzem bolotas doces que “veladas” (secas ao fumeiro), assadas e até cozidas, se comem sem desagrado.

A rija madeira de azinho, muito boa para empregar nos cubos, raios e frinas das rodas dos carros, é também a que melhor aquece as lareiras familiares nos frígidos serões de inverno, quando não é transformada em carvão que é exportada para outras regiões.

- Sobreiros: Dão estas árvores bom rendimento, mas não obstante, tem-se-lhe feito certa razia, em virtude talvez de o terreno onde se criam ser em geral propício à cultura da oliveira, que é preferida pelos beiratejanos. Ainda há contudo núcleos vastos destas árvores, antigamente chamadas soveiros; muitos encontram-se dispersos pelos azinhais.

Existem aqui e além, cada vez mais raros, alguns sobreiros de tronco gigantesco. São as sobreiras da linguagem do povo que dá a explicação de tão grande perímetro do seu “troço”, por terem estado muitos anos sem lhes tirarem as “messas”, isto é, a primeira cortiça, a que chamam virgem, ou

branca. E talvez tenham certa razão, pois perdidos os sobreiros em matagais enormes que só começaram a ser desbravados com afinco neste século, devido à acção de Francisco de Sousa que arrendou e depois comprou a Coutada, não sendo muito provável que nestas condições os viessem descortiçar.

Na actualidade não se criam sobreiras, dizem, porque cedo começam a descortiçar os chaparros.

Uma das sobreiras mais conhecidas na freguesia é a da Meia Légua, entre Perais e Alfrívada, junto do caminho para Cebolais de Cima, que antes da construção da estrada no. 18 foi muito concorrido.

Os frutos dos sobreiros - as glandes, que o povo pronuncia sem o g – sendo mais acres que as bolotas de azinho, são por isso comidas pelos animais com alguma relutância.

Da cortiça, que a quase totalidade é vendida para fora, manufactura a população alguns objectos de utilidade: “tripeças”, cortiços para abelhas, cochos e “farrados” (recipientes cilíndricos de cortiça, para onde os pastores ordenham as cabras ou ovelhas, e onde também transportam os alimentos cozinhados).

- Figueiras, há-as de variadas espécies e os figos que as pessoas não comem e excedem a alimentação dos “vivos” são passados ao sol, espalhados pelos telhados ou em passeiras apropriadas.

- Pereiras: Foram provavelmente estas árvores que deram o nome à povoação de Perais, talvez, como já foi citado, no começo da fixação dos colonos serem elas as mais numerosas, além dos azinheiros e sobreiros que seriam então considerados uma espécie de mato maior, espontâneo e silvestre, confundido com o mato propriamente dito de estevas, rosmaninho, tojos, urzes e alecrim, abundantemente espalhados nesta área.

Assim as pereiras estariam em vivo contraste com a restante vegetação, donde teria vindo a designação natural de Perais à região.

Actualmente existem ainda muitas pereiras, geralmente isoladas ou em pequenos grupos, dispersas por toda a parte, mas em maior quantidade nas terras magras, a dar vistas para o Tejo.

- As videiras existem também em relativa abundância, em fileiras ao longo das paredes em terras baixas ou “minadas” e nos recantos de cada horta. Vinhas propriamente ditas, só existem nas grandes propriedades da Vinha do Tourão, Urgueira, e Coutada e estas mesmo são de dimensões reduzidas.

As uvas que sobram da mesa são pisadas e o mosto ou se transforma em vinagre para satisfação das mulheres, ou em vinho – o taimeiro – para contento dos homens.

O alambique ainda extrai do bagulho, a aguardente para o mata-bicho no inverno.

- As laranjeiras assinalam as hortas, e os seus frutos, assim como as ameixas e os das restantes árvores, chegam para consumo da população da freguesia e ainda para exportação para a industrial Terr’Alta, onde se vão vender.

A rematar este capítulo falaremos da grande quantidade de cogumelos, ou tortulhos como em Perais vulgarmente se diz, com que a terra prodigamente nos brinda pela Páscoa.

Os míscaros são muito saborosos de qualquer das várias maneiras que sejam preparados, assados, cozidos ou guisados.

Na primavera que é a época em que os tortulhos se produzem sob as primeiras rajadas fortes de sol, é interessante verem-se as pessoas de cesto no braço e de sacho na mão, de olhos fitos no solo à procura das “gretas” que os denunciam. Aqueles que não são encontrados ainda “fechados” como batatas, desenvolvem-se e saindo completamente da terra apresentam-se aos nossos olhos em ar de guarda-chuva. São as “caçolas” que desprovidas dos pés, a rapaziada geralmente põe a assar nas brasas com duas pedras de sal.

Nem todos os cogumelos são bons para comer. Alguns há que são venenosos e que na região são conhecidos por não tomarem o tom rosado ao serem arrancados da terra, ao contrário do que acontece com os bons.

Pistas, estradas e caminhos de ferro

Anteriormente à construção da estrada nacional nº 18 em 1866, e do Caminho de Ferro da Beira Baixa, cerca de 1890, que canalizaram o trânsito para outras regiões, esta de Perais foi muito concorrida e era ponto de passagem dos que da Beira iam ao Alentejo, ou vice-versa, em virtude do grande obstáculo que a serra de Rodam oferecia. Isto sem falar nos povos mais remotos, como os romanos, que segundo a Arqueologia publicada em 1910 pelo Dr. Francisco Tavares Proença J^o. tiveram um estação em Alfrívida e outra em Perais, o que parece comprovar a existência de uma pista. É que os viajantes, quer vindos de Alfrívida, quer pela Meia Légua ou por Vale de Pousadas, passavam em Perais e na Telhada a caminho da Barca para a travessia do Tejo.

Outra pista porventura existiu ao longo da margem direita da ribeira do Locriz, utilizada por quem, do Porto do Tejo se dirigisse a Castelo Branco, ou inversamente, quer passando por Alfrívida, quer galgando as “Barreiras” nalgum ponto mais acessível.

A via pelo Tejo, outrora muito utilizada pela pequena navegação até talvez a Alcântara, em Espanha, está hoje esquecida, por trabalhosa e desnecessária. Porém, o Tejo foi decerto a principal via de comunicação de Lisboa até Ródão, e daqui até ao interior da Espanha donde vinha minério e outras mercadorias, existindo ainda em certos locais das margens do rio, alguns pedaços de parede por onde se fazia a sirgagem dos barcos.

Actualmente ainda a Barca no Tejo faz com que alguns viajantes estranhos à região e sem automóvel, a atravessem a caminho do sul, ou dali para o norte,

mas em geral a freguesia é presentemente calcorreada só pelos próprios paroquianos e por alguns estranhos que aqui venham expressamente tratar de negócios.

Mas a zona voltaria de novo a ser concorrida se tivessem um dia realização:

- O prolongamento da estrada no. 355 de Perais por Malpica, Rosmaninhal, Segura (como foi previsto no plano rodoviário de 1945), com carreiras de camioneta entre esta e Vila Velha de Ródão;
- A construção de uma estrada de Montalvão até à Barca e daqui até Perais;
- A construção de um ramal a estabelecer ligação com a estrada que em Espanha desce de Cedilho até à foz do rio Sever;
- A construção de um caminho-de-ferro de Portalegre a Castelo Branco, a ligar directa e rapidamente a Beira Baixa ao Alentejo, aliás esteve para ser construída em 1892, mas de Portalegre a Ródão; e ainda
- Se um dia for preferido o traçado de caminho-de-ferro de Ródão a Castelo Branco pela Coutada, Locriz e a passar não longe de Cebolais de Cima, como parece que esteve projectado.

Perais viria deste modo a ser considerável centro de comunicações, o que emprestaria à terra muito maior importância da que hoje tem.

Comércio e Indústria

Em Perais existem para abastecimento de cerca de setecentos habitantes, duas “lojas” que são dois pequenos armazéns “Grandella”.

Nelas se vende de tudo, quase como na botica: fazendas e mercearia, ferragens e salsichas, artigos de capela e de papelaria, etc..

Dos produtos da região, os que dão maior movimento comercial são: o azeite que é a maior riqueza, a bolota, porcos gordos, queijo (mal cheiroso, mas bem saboroso), cortiça, gado, lã, peles, carvão, lenha, hortaliça e fruta, como laranjas, ameixas e passas de figo.

- A indústria mais importante de Perais e de toda a freguesia é a fabricação de azeite que anualmente produz, na meia dúzia de lagares existentes, muitos milhares de litros do óleo precioso.

- A farinação de cereais faz-se nas duas azenhas do Tejo, na do Ponsul e na do Ribeirão, todas propriedades de Peraenses.

Os cereais que são moidos nestas azenhas são não só para consumo da freguesia, mas também para o das limitrofes, do mesmo doutros concelhos, donde os maquilões transportam o grão em “taleigos” a dorso de bestas, para depois lá o reconduzirem já moído e maquiado.

- A panificação é feita em Perais numa padaria concluída em 1946, com todos os requisitos modernos, ou em fornos particulares ou comuns, onde se fabrica o pão caseiro, puro e saboroso.

- A fabricação de tijolos e telha mourisca (de canudo) tem lugar em três fornos, dois no curso da ribeira do Locriz e um no da Ribeirinha, próximo de Alfrívada.

- Os lacticínios, relativamente a queijos, também têm um certo desenvolvimento, produzindo-se uma espécie característica pelo mau cheiro, mas de paladar agradável.

- A carpintaria e serralharia de Perais, em três ou quatro oficinas, servem bem as necessidades da freguesia, trabalhando até para fora, especialmente na construção de carros.

- O linho, que há pouco tempo ainda era manufacturado em quase todas as casas em Perais, desde a sementeira até entrar nas urdideiras, está um pouco abandonado, provavelmente em razão da multiplicidade de amanhos que tem de receber antes da sua utilização.

Com o linho se faz um pano consistente para sacos, lençóis, enxergas, etc., e com o seu fio se tecem também as mantas de “farrapos” que os pobres muito utilizavam na região.

Estas mantas são feitas de vestuário velho feito em tiras, torcidas e enroladas e depois tecidas com o linho fiado à lareira com a roca.

Em Perais só há um tear, de cujos órgãos desde há muito parados, não sai uma manta. E é pena, porque é uma profissão que desaparece da terra, o que só lhe traz prejuízo.

A indústria têxtil está ainda representada na freguesia pela fábrica da Balsinha, nas cercanias de Cebolais de Cima, a norte de Perais.

- A aguardente é produzida em pequena escala em alguns alambiques, de uvas, medronhos e raramente de figos.
- Um certo número de indivíduos dedica-se à pesca, no Tejo, donde todos os dias trazem alguns quilos de peixe fresco: barbos (alguns chegam a pesar 6 e 7 quilos), bogas, enguias, etc.

Pelas primeiras cheias, outra espécie vem enriquecer a fauna do Tejo, a contento de pescadores e de toda a população: é o saboroso muge, ou tainha, que se “apanha” às arrobas nos caneiros.

Na primavera, também o sável e a lampreia são pescados.

- A caça foi muito abundante nesta região e ainda presentemente há bastantes perdizes, coelhos e lebres a que numerosos caçadores fazem guerra de morte...
- A salsicharia e curtimento de azeitonas, actividades que não são estranhas aos Peraenses, podiam contudo ter em Perais um desenvolvimento muito maior que, com o estabelecimento de novas indústrias, como de curtumes, serração, etc., e o incremento do comércio de azeites, de adubos e de outros produtos, puxariam interesse a Perais, que por ora vão para outras localidades.

Uma viagem a Perais

Viajando-se pela estrada nacional no. 18, de Nisa para Castelo Branco, e atingindo-se o ponto mais alto da serra, para iniciar a longa descida a caminho do Tejo, avista-se para nascente, lá ao longe, cozida à margem direita do rio, uma região baixa coberta de arvoredo a impressionar-nos agradavelmente. São os olivais e montados de Perais.

Continuando a marcha, passando pela ponte (que é traço de união entre o Alto Alentejo e a B. Baixa e donde se vê belamente as Portas de Ródam) e pela povoação de Porto do Tejo, seguindo a estrada agora a subir, percorridos cinco quilómetros, lá está a nova estrada a macadame, com a placa a informar

Perais – 6 Kms

É aqui a Portela, ou Vargem Preta, embora não se enxergue várzea alguma.

Prosseguindo sempre a subir, rumo a Castelo Branco, encontramos-nos, alguns quilómetros após, nas “Voltas da Mangação”, ou “Curvas do Prior”.

Daqui, olhando para sudeste, à direita da marcha, lá vemos agora mais distintos, miríades de pontos escuros espalhados pela terra clara. Se esses pontos estiverem distribuídos ao acaso pelo chão, como as estrelas se apresentam no firmamento, trata-se de azinhos ou sobreiros que nascem a esmo, espontaneamente; se diferentemente as pintas estão geometricamente dispostas, então fica-se sabendo que ali há oliveiras, essas árvores tao caras aos habitantes da região.

Verifica-se aqui o forte contraste entre as terras baixas e as Barreiras do Prior. Estas incultas, montanhosas, cobertas de urzes, solitárias e inóspitas; aquelas cultivadas e com arvoredo a convidar o viajante a conhecê-las.

Seguindo até “Albicastrum”, se do Castelo volvermos a vista para sulsudoeste, lá veremos a depressão de Perais, aquém das montanhas alentejanas da região de Marvão, Castelo de Vide e Nisa.

Igualmente do caminho-de-ferro, depois de Ródão ter ficado à retaguarda e a vizinhança do Tejo abandonada, Perais se avista para nascente, a cerca de uma légua da fronteira, à foz do Sever.

Mas voltemos à Portela, e façamos a viagem descansadamente até Perais pelos quase 6 Kms da sua nova estrada.

Façamo-lo no inverno para evitar o calor excessivo do estio e a secura das terras que pode transmitir-se às pessoas desprevenidas.

Andados uma ou duas centenas de metros atravessamos o limite da Coutada e assim entramos na freguesia.

Nos aterros e desaterros seguintes vê-se a origem da “barroca” da Silveira que corre para a nossa direita através de um forte renque de azinheiras, em direcção sudeste para ir lançar-se na ribeira. Esta barroca passa entre os cabeços da Cadaveira e da Moura, que ficam respectivamente à sua direita e esquerda.

Seguindo pela estrada mais uns hectómetros, vemos partir desta para a esquerda o caminho que dá serventia às Casas do Monte da Coutada e, pouco depois, para a direita o caminho para o Cabeço da Moura, no qual a partilha da Coutada originou a recente construção de vivendas.

Se não tivermos pressa e passarmos algum tempo na Coutada, veremos que esta, dividida, forma hoje duas propriedades ainda muito valiosas. A maior e melhor delas, do lado norte da estrada, pertence ao Dr. António F. de Sousa, e os criados que ali vivem constituem uma pequena aldeia, onde existe uma capela que abandonada do culto, serve de arrecadação!

As terras adjacentes são férteis e nelas se produzem abundantes e bons frutos.

A nascente, ali perto, passa o ribeiro do Prior que desce impetuoso das íngremes terras que lhe dão o nome, abrandando a corrente na terra mais chã da Coutada que atravessa de norte a sul marginado de olivedos e também de hortas, cultivando-se também no verão, à sua volta, bons feijoados e milharais.

A parte da Coutada a sul da estrada é do Dr. Rafael Sousa Figueiredo que mandou construir as suas Casas já referidas no Cabeço da Moura, a dois passos das antigas da “Coutada”.

Se por aqui passássemos no estio, é provável que encontrássemos os seus proprietários em vilegiatura com numerosas companhias de familiares e amigos.

Agora veremos os ranchos alegres dos azeitoneiros, com as escadas encostadas às oliveiras, se no momento as não estiverem mudando de “poiso”, a pino, numa exibição de bom pulso.

Se entretanto verificarmos que alguém se destaca do rancho em nossa direcção, é talvez bom ir vendo os trocos que trazemos nos bolsos, pois devemos esperar que uma das mais lindas e desenvoltas cachopas que ali trabalham nos venha ofertar um enfeitado ramo de oliveira, acompanhado de ligeiros versos improvisados ou adrede preparados. Se a suposição se torna realidade e quisermos corresponder à gentileza, entregaremos à rapariga alguns escudos que se converterão em passas e aguardente para o rancho.

Retomando a estrada descemos até à ribeira, que nesta altura do percurso é chamada da Coutada. Vemos que o ribeiro do Prior vai acompanhando e aproximando-se da estrada até se lançar na ribeira, entre a ponte e o açude que represava as águas para a levada do lagar de azeite que ali existiu e cujo assento está transformado em horta com um tanque para regadio alimentado por um bom nascente, e com um poço com nora, vizinho de outros poços e hortas de um e de outro lado da ribeira e de um e outro lado da estrada.

A ponte sobre a ribeira, construída em 1918, é estreita, mas vendo como a ribeira vai grande, melhor podemos avaliar os trabalhos e perigos da sua travessia antes daquela data, e que a sua construção foi um bom melhoramento para os povos vizinhos.

Se aqui estivéssemos em Agosto veríamos para ambos os lados da estrada milharais, feijoais e talvez melanciais junto às margens da ribeira.

Veríamos a ribeira reduzida a um fio de água aqui e além interrompido. Antes do seu curso ter sido regularizado ainda existiam na ribeira alguns pegos, mesmo no verão, onde se podia nadar...e pescar algumas eirós, bogas e enguias que a ausência de água fez desaparecer.

Veríamos ainda o forno da telha em laboração, irmão de um outro lá mais para montante, no Locriz, para onde se pode ir pelo caminho que se viu à esquerda da estrada um pouco antes do ribeiro do Prior e segue pela margem direita da ribeira em todo o seu curso, a passar perto de Vale de Pousadas e seguindo para a Terr’Alta, pela ladeira de S. Gens.

Deixando a ribeira, o maior curso de água dentro da área da freguesia, voltamos à estrada que começa agora a subir.

Olhemos em frente e à direita e toparemos com uma apreciável elevação, toda plantada de oliveiras. É a Cabeça Dega, onde passa o limite das freguesias de Alfrívada e de Ródão.

Junto à estrada corre para a ribeira a barroca da Nave Dega, cruzando as duas precisamente no local onde a estrada se afasta do caminho antigo para Vila Velha, que segue até à Fonte dos Piolhos ao longo da ribeira para ali a atravessar pela terceira e última vez, por meio de um recente pontão.

Entre a estrada e a Cabeça Dega, fica a pequena planície da Nave Dega, com alguns poços de fracos nascentes e onde no verão há culturas idênticas às das margens da ribeira.

A este local que em 1900 possuía espesso e vasto murteiral, vinham o Dr. Tavares Proença J.^{or} e Luíz Fevereiro, proprietários destas terras, fazer caçadas aos javalis.

À esquerda da estrada, em toda a extensão desta até ao ribeiro da Urgueira, estendem-se por alguns quilómetros até às imediações de Vale de Pousadas, os montados da Urgueira, e à direita, nas terras onde os regatos mudando de direcção deixam de alimentar a ribeira, ficam os das Areias Brancas.

As varas que se vêem dum e doutro lado da estrada são de João Laia Nogueira, pois a ele pertencem todas estas terras, da ribeira do Locriz ao ribeiro do Juncalinho e de Vale de Pousadas ao limite oeste da freguesia.

Subida a encosta da Nave Dega, entramos num troço quase plano da estrada, a sul do qual se estende o largo lameiro da Navejola, com alguns trilhos para as Areias Brancas, e ao fim do qual existe um dos poucos pontos com abundância de água neste Monte.

A seguir ao plano e deixando à esquerda o caminho que vai dar às casas da Urgueira, descemos até ao ribeiro do mesmo nome que tem a particularidade de toda a sua margem direita, desde a foz até à confluência com o ribeiro do Juncalinho, estar nas propriedades de João Laia, que ultrapassando o ribeiro em questão chegam às portas de Perais e alongam-se até às águas do Tejo!

No ribeiro da Urgueira há uma ponte e a uma centena de metros a montante recebe na margem esquerda o ribeiro do Juncalinho que como aquele, a margem direita é de João Laia.

Tanto um como outro dos dois ribeiros, que fazem uma espécie de cerco a Perais, só no inverno e pouco mais, têm água corrente, e em o sol aquecendo raros são os poços de todo o seu leito que não secam totalmente.

Deixando o ribeiro pelas costas e subindo pela estrada rumo a Perais, passamos à curva da Ladeira Corrente de acentuado declive e cujas terras vizinhas muito pobres e agrestes são contudo férteis em estevas e rosmaninhos.

Ao cimo desta ladeira começam a aparecer-nos os muros das tapadas de Perais, com suas figueiras, oliveiras, pereiras e outras árvores de fruto e, se deitarmos o olhar para a direita, veremos a branquejar no meio da massa verde-escura dum azinhal as Casas das Areias Brancas.

Já aqui podemos verificar que entre os ribeiros citados e o rio Tejo, onde Perais está engastada com suas limitadas dependências, a terra está dividida em pequenas propriedades. É nesta área, geralmente nas barrocas, que se encontram as hortas dos Peraenses, muitas vezes constituídas por pouco mais de um canteiro de terra e por um poçozito de fraca nascente.

Continuando a subida chegamos ao pequeno planalto da Eira dos Ratinhos, onde a estrada, depois de duas centenas de metros se inflecte para nascente e passando pelas primeiras construções de Perais desce entre os muros dos “chões” até entrar na povoação onde volta a subir.

O caminho que vimos partir da estrada na direcção sul, no fim da recta da Eira dos Ratinhos e de junto do primeiro palheiro de Perais, é o que vai para a

Barca no Tejo e para Montalvão, a antiga vila que presentemente é freguesia do concelho de Nisa. É este caminho utilizado por muitos beirões (os *ratinhos*) que vão fazer as ceifas para o Alentejo. Daqui o nome de Eira dos Ratinhos, à que ali existe.

Estamos em Perais de casas de rés-do chão e sobrado, ou só de rés-do-chão, construídas de xisto e barro, a maioria sem chaminé. Muitas são lajeadas no piso térreo e, sem verem cal, têm os beirados debruçados sobre latadas, ou beijando a ramagem das oliveiras.

Não possui nenhuma construção recente ou antiga que prenda a atenção e, numa zona de transição entre a Beira Baixa e o Alto Alentejo, Perais mostra amiúde características das duas províncias, quer nos trajes quer nos costumes.

No entanto não é de todo destituída de curiosidade a visita a uma aldeia sem senhores nem indigentes, onde vive uma população trabalhadora puramente plebeia, em suas casas pobres e escuras e onde quase todos comem couves da sua horta, criam na “furda” o porco para a sua matança e emparelham o jumento do vizinho com o seu, para a lavra dos retalhos das suas terras ou as “folhas” do alqueive e sementeiras.

Durante muito tempo Perais teve um e depois dois fornos comuns, onde a maioria das mulheres vão cozer o pão, para o que é organizada a “vez” e onde sempre estão bem as mais “decididas”, mas hoje há já vários particulares e também uma padaria.

A povoação tem à sua volta muitas espécies de árvores de fruto entremeadas pelos olivedos que a cercam e em cada horta há pelo menos uma laranjeira.

O seu aro encerrado entre os ribeiros do Juncalinho, da Urgueira, do rio Tejo e do Monte da Lameira, está retalhado em pequenos chões, hortas e tapadas, murados com baixas paredes de pedra solta ou com lajes empinadas e a superfície da terra perfurada por uma multidão de poços, pequenos reservatórios de água que na região não é abundante. Estes poços pelo seu excessivo número, algumas vezes prejudicam as escassas nascentes dos vizinhos.

Nas proximidades do Tejo, a população de Perais sabe nadar, e raros são os dias em que os pescadores não ponham à venda peixe fresco apanhado no rio.

São por isso tradicionais as pescarias ou peixadas em Perais, à borda do rio, geralmente junto a uma azenha, para assinalar um dia de alegria.

Até há poucos anos, a labuta com a terra, traduzindo o sentido prático da vida, ocupava quase todos os Peraenses, porém actualmente há já interesse pelos assuntos intelectuais, vendo-se muitos procurarem empregar a sua inteligência noutras actividades.

Não sendo desconfiada, a gente de Perais, devido talvez a acanhamento, cai um pouco no retraimento e não procura a sociabilidade, manifestando na generalidade um forte sentimento individualista.

Subindo agora ao planalto da Cascalheira, onde está situado o ponto trigonométrico que as cartas registam com o nome de Peraes, disfrutaremos um panorama não surpreendente, mas em todo o caso interessante.

Voltados para o Vésper avistaremos em último plano, por cima da Cabeça Dega que encobre Vila Velha, a boca das Portas de Ródão com o maciço principal da serra do Perdigão à direita, onde se vê a povoação de Gavião que tem por coroa o Penedo Gordo.

Deslocando a vista para o quadrante NO, vê-se lá ao longe a serra de Muradal e mais perto as escalvadas Barreiras, faldas da serra das Olelas da Terr'Alta.

Deslizando com os olhos como os ponteiros dum relógio no seu movimento, passaremos pelo norte e já no quadrante NE lá está Castelo Branco com o seu velho castelo e logo a seguir a serra de S. Martinho.

A leste fica a elevação do Monte Fidalgo e logo depois o cabeço da Atalaia com um ponto trigonométrico de cota 240, fronteiro à foz do Sever.

Avista-se agora uma nesga de território espanhol da freguesia de Cedilho (ou Casalinho), da província de Cáceres, cujo cantar dos galos, ou toque de sinos, com vento de feição se ouvem em Perais.

Continuando, a vista passeia agora por terras do Alentejo até às elevações que escondem Montalvão e Nisa, completando-se o giro do horizonte logo depois de se avistar a povoação da Salavessa no sopé do cabeço de S. Miguel, que é o extremo sul da referida serra de Perdigão, também chamada das Talhadas, de Ródão e do Penedo Gordo.

Casa Telhada

Foi este o nome de uma pequena povoação que existiu no cimo das ribanceiras do Tejo, no caminho de Perais para a Barca e nas proximidades da fonte da Telhada que lhe herdou o nome.

A denominação talvez derive de ter sido a primeira casa a ser coberta com telha na região, até então caso inédito nas redondezas.

Esta povoaçõzita de que com boa vontade se encontram no lugar vestígios actuais da sua passada existência, como sejam a fonte pública e a sua designação, e o troço de caminho lajeado à maneira romana, é de fundação antiga, coeva ou talvez anterior à de Perais.

A primeira pessoa que temos a certeza de ter nascido em Casa Telhada, cerca de 1700, foi Manuel Lourenço que casou com Maria Gonçalves, natural de Perais, tendo-se registado no ano de 1741 o nascimento de um seu neto de nome António, filho de sua filha Maria Gonçalves e de Manuel Fernandes, natural do Monte da Ladeira, de S. Pedro do Fratel.

Há também notícia de nas datas indicadas morarem na Casa Telhada os seguintes casais:

1750 – João Dias, de S. Pedro do Esteval, e Maria Alves, de Perais

1763 – João Lopes e Tereza Rodrigues, filha de André Rodrigues, de Montevide, Sarzedas, e de Maria Gonçalves, da Casa Telhada.

1769 – José Fernandes Branco, natural de Salavessa, e Tereza Rodrigues, da Casa Telhada, e que tinha enviuvado.

1774 – Manuel Mendes, filho de João Mendes e Ana Vaz, dos Amarelos, e Maria Dias, filha de Manuel Lourenço, da Casa Telhada, e de Catarina Dias, natural de Monte Pombo.

1783 – António Gonçalves, da Casa Telhada, e Ana Gonçalves, do Vale de Pousadas.

- António Lourenço, da Casa Telhada, e Maria do Rosário Custodia, da Salavessa.

1792 – Joaquim Dias Nogueira, de Sarnadas, e Isabel Gonçalves, filha de Manuel Fernandes Castelo e de Maria Mendes, também residentes na Casa Telhada.

Nos anos de 1803 e 1806 nasceram dois filhos de José Fernandes Castelo, natural da Casa Telhada, e de Maria Joaquina, de Perdigão, os quais eram netos por via paterna de Manuel Fernandes Castelo e de sua mulher.

Por estes elementos que se podem verificar nos registos de nascimentos da paróquia de Vila Velha de Ródam, se vê que Casa Telhada foi sempre uma povoação muito pequena, com 3 ou 4 fogos no máximo, e em 1758 o Cura de Rodam informava que tinha um vizinho.

Verifica-se também que no ano de 1806 ainda ali residia pelo menos uma família, a de apelido Castelo, que seria a última a manter aberta a estalagem no local, cujo desaparecimento a tradição popular explica do modo seguinte:

Um dia foi a estalagem da Casa Telhada assaltada por um bando de malfeitores que exigiram dos donos comida e dinheiro. Os estalajadeiros, parece que oriundos de Sarnadas, não perderam o sangue frio e enquanto alguns membros da família preparavam o comer, um foi dar alarme a Perais e outro conseguiu deitar água nos canos das espingardas dos salteadores, inutilizando-lhes as cargas.

Quando os Peraenses chegaram à Casa Telhada em maior número, os assaltantes correram às armas, mas estas ficando silenciosas tornaram-nos imediatamente vencidos, pelo que sofreram o castigo da sua acção.

Não obstante a vitória, os hospedeiros da Casa Telhada jamais se sentiram seguros no local e receando a vingança dos bandidos abandonaram-no, indo talvez para Sarnadas.

Decorridos três ou quatro décadas, um António Castelo natural de Sarnadas e ali casado estava estabelecido em Perais com estanco¹ e estalagem.

¹ NE. Loja onde se vendem artigos estancados, tabacaria.

Coutada

Mesmo antes da recente partilha, a Coutada já pouco se assemelhava aquilo que tinha sido, pois são muitos os factores a fazer crer que a referida herdade foi a mais vasta de todas quantas na actual área da freguesia existiram em todos os tempos, desde a reconquista cristã.

De facto a Coutada deve ter-se separado da outra muito extensa herdade da Açafa, existente desde os alvares da nacionalidade, e ficado a pertencer a algum fidalgo, desde muito cedo.

A Coutada englobou certamente muito maior extensão de terras do que aquela que hoje lhe está confinada. A Urgueira, o Locriz, as Areias Brancas e talvez toda a região entre o Tejo e as Barreiras que constituem um degrau da Meseta Ibérica, formando a freguesia actual de Alfrívada, deviam primitivamente pertencer-lhe.

Com o decorrer do tempo, a divisão das terras foi-se operando até chegar ao estado em que hoje se encontra.

A herdade denominada Açafa, que deixou lembrança na ribeira do Açafal, compreendia primeiramente todo o território entre a serra da Gardunha e os rios Ponsul, Ocreza e Tejo, e ainda uma faixa de terra ao sul deste rio, no concelho de Nisa.

Foi doada por D. Sancho I à Ordem dos Templários em julho do ano de 1198 para a povoar e defender, sendo seu mestre D. Lopo Fernandes.

Em 1272, sendo mestre da Ordem D. Beltrão de Valverde, cederam os Templários Vila Velha de Ródão a D. Sancha Pires e a sua filha Berengária para que a usufruíssem enquanto vivessem, tendo D. Sancha por sua vez doado muitas fazendas à mesma Ordem, iniciando-se assim a divisão e distribuição das Terras.

A Coutada, segundo se ouve dizer a pessoas de idade provecta, ainda no tempo relativamente próximo dos primórdios do século XIX era terra de Foro.

Os foreiros teriam vindo da Terr'Alta, de algumas povoações da serra de Ródão, ou ainda de Sarzedas, para cultivarem as terras e fixarem-se no local, onde residiam por volta de 1700, alguns de apelidos Esteves, Lourenço, Fernandes, etc..

Tendo sido posta em almoeda,¹ os foreiros da Coutada confiados delegaram num tal Torres, proprietário da Urgueira, que trataria da respectiva compra para todos.

Mas este Torres, indivíduo ambicioso e sem escrúpulos, atraído os que nele confiaram, apoderou-se fraudulentamente da Coutada que ficou exclusivamente sua.

Daqui resultou luta porfiada entre o novo proprietário e os foreiros que não queriam abandonar as terras que tanto desejavam e que já tinham como suas,

¹ NE. Hasta pública, leilão.

porventura fundamentados nas cláusulas do contrato de aforamento ou no direito de *fogo morto*.¹

Da contenda saiu vencedor o Torres que nela praticou, entre outras selvajarias, a de atingir com tiros de sal os bois que ali trabalhavam para os foreiros, os quais, escorraçados, foram em parte fixar-se em Perais, aumentando a sua diminuta população.

A respeito do senhorio da Coutada na época em que o Torres burlou os foreiros, conta-se duma maneira vaga que ela pertencia “à Misericórdia”, e a reforçar a ideia de que a mesma herdade esteve aforada a várias pessoas, temos a existência de marcos diversos espetados em toda a sua área, a limitar os tractos de terra de cada um, e que têm sido encontrados ainda nos nossos dias.

Em qualquer caso, é muito antiga a existência de colonos na Coutada e em 1758 o pároco de Vila Velha informava superiormente que aqui viviam quinze vizinhos, isto é, fogos.

No Censo de 1940, residiam oito fogos na Coutada, num total de 27 pessoas. Esta propriedade foi vendida por Luiz Sampaio Torres Fevereiro cerca de 1910 a um notário de Rodam chamado António Ferreira.

Este arrendou-a a Francisco de Sousa que deu um grande desbaste aos seus matagais e que associado a um Mendes, mais tarde a comprou por dezoito

¹ NA. O direito de *fogo morto* consistia em que qualquer colono não podia ser expulso pelo senhorio directo de propriedades rústicas de que tivessem roteado a terra brava e inculta.

contos. Morto Francisco de Sousa, já seu único proprietário, foi a Coutada partida pelos seus dois filhos que ficaram: o António com a parte a norte e o Rafael com a do sul da estrada, formando presentemente, mesmo dividida, duas importantes fazendas.

Locriz

O passado latifúndio das terras baixas e férteis da ribeira seria assim conhecido em razão dos lucros que realizava?

Na verdade, os seus terrenos são, senão os mais produtivos, pelo menos classificados entre os melhores na área da freguesia.

O Monte do Locriz foi propriedade de titulares, os Barões de Castelo Branco, de origem galaico-leonesa, e da Senhora D. Maria Angélica de Meneses Ordaz Caldeira de Valadares, que faleceu solteira, deixou-o por herança a seus sobrinhos, os quais o arrendaram a José Pardal, e mais tarde o venderam à família dos Ferreiras, de Cebolais de Cima, pelos membros da qual está actualmente repartido em grandes talhões. Confina a oeste com a Coutada e alonga-se para leste ainda além de Vale de Pousadas.

O Monte do Locriz era já habitado na era da Restauração de Portugal e no começo do século XVIII era residência de algumas famílias de apelidos Rodrigues, Marques, Mendes, Fernandes, etc..

A capela da Senhora da Graça foi edificada junto das Casa do Locriz, decerto para atender às necessidades espirituais dos habitantes da região. Ali se faziam ainda há poucas décadas atrás romarias anuais que caindo em esquecimento, não se efectuam presentemente, apesar de pertencer ao povo.

No Monte há um lagar de azeite, um forno de telha e ao longo da ribeira muitos poços equipados com picotas, noras e motores que deles elevam a água para as regas.

Urgueira

Das grandes propriedades da freguesia, a Urgueira é a que está situada mais próxima de Perais, de que o seu limite dista a pequena distância de um quilómetro.

É uma vasta área de terra arenosa, em geral seca e pobre, coberta especialmente de azinheiras com sobreiros de mistura. No seu extremo ocidental, na encosta leste e planalto da Cabeça Dega, existe um olival que pela sua extensão é digno de mencionar-se, havendo ainda olivais menores noutros locais.

As casas da Urgueira ficam a menos de dois quilómetros a norte de Perais, junto do ribeiro e da fértil várzea da Tapada do mesmo nome, a pequeno desvio à esquerda do caminho para Vale de Pousadas.

São antigos e ali nasceu D. Amália Torres que havia de vir a casar com o Dr. Agostinho Fevereiro, e que herdou os dois montes da Urgueira e Coutada reunidos.

O seu proprietário mais antigo, de que há memória na região, foi um indivíduo talvez oriundo de Sarzedas, e que tinha o apelido Torres. Era o pai de D. Amália e o que enganou os foreiros da Coutada.

Urgueira, ou Urzeira, foi terra de muitas e enormes urzes, que lhe deram o nome, e estende-se desde o sítio da Meia Légua a nordeste, até à Cabeça Dega a sudoeste (actualmente até à estrada) e entre a ribeira do Locriz e o ribeiro do Juncalinho.

O Monte foi alienado por esta família quando Luís Sampaio Torres Fevereiro o vendeu por 24.000\$00 a João Laia Nogueira, cerca de 1910.

Areias Brancas

Foi este Monte propriedade do Dr. Trigueiros e de D. Rosalina, sua esposa, e a seguir do Dr. Carlos Bento, de Nisa, que o vendeu a João Laia Nogueira, no verão de 1933.

Quis o povo de Perais comprar a propriedade, como era sua necessidade, mas os seus capitais reunidos não chegaram para competir com os do dono da Urgueira e do Monte da Lomba da Barca, do outro lado do Tejo, entre os quais fica, confinando com ambos, a extensa propriedade das Areias Brancas.

A aquisição das Areias Brancas por Perais teria sido um grande benefício para a sua gente.

As suas exíguas condições de vida dentro de limitado hinterlande, com o Tejo por um lado e enormes propriedades por outro, a asfixiá-la cada vez mais, seriam grandemente melhoradas.

Os Peraenses teriam espaço suficiente para aplicarem com redobrada vontade as suas provadas qualidades de trabalho, onde fariam desenvolver uma fonte crescente de rendimentos que a povoação precisa.

A terra, mais cuidadosamente explorada por muitos proprietários, produziria sem dúvida muito mais, mas os homens de Perais com o defeito da sua pobreza, não puderam alargar o seu reduzido campo de acção e assim acautelar o futuro.

Ao menos que a lição sirva aos habitantes de Perais, e se novamente a mesma ou outra propriedade vizinha seja posta à venda, que saibam concertar-se e adquiri-la. É uma necessidade que vale bem os sacrifícios que se façam, ainda que, em virtude da função social da sua aquisição pelo povo, tenha de recorrer-se à arbitragem das autoridades competentes, em caso de concorrência de qualquer magnate.

As Areias Brancas confinam a leste pelo ribeiro da Urgueira, a sul com o rio Tejo e com a propriedade de João Dias, a oeste por esta mesma propriedade e a norte e noroeste com a Urgueira, entre as quais fica a estrada no. 355 para Perais, segundo estabeleceu o seu dono. As Areias Brancas ocupam a parte

sudoeste da freguesia, em cujo vértice, no cachão do rio Tejo, chamado do Algarve, se encontra uma azenha para cereais.

Os terrenos são arenosos e de cascalho quase por toda a parte excepto nas encostas do Tejo e seu afluente ribeiro da Urgueira, desde o sítio do Barro da Capela à foz. São pobres de nascentes que apenas existem na Navejola, na barroca do Cheiro, no olival próximo e a sudeste das Casas e na região da barroca dos Serranos.

São bastante povoados de azinhos, sobreiros e oliveiras continuando estas a aumentar de número de ano para ano.

Até cerca de 1930 as Areias Brancas estiveram muito abandonadas, pelo que ali se podiam ver grandes matagais de estevas com alguns metros de altura, especialmente na região da foz da barroca dos Serranos, do Tejo à Navejola, passando pela Ferradura.

Em virtude destes matos abundantes a caça proliferava, sendo a apicultura também apreciável.

Mas os matos foram caindo às mãos dos pequenos seareiros de Perais, que mediante um foro pago ao proprietário das Terras ali faziam as suas “folhas” de alqueive. A passagem para a posse de João Laia, ainda mais acentuou a derrota nos matos hoje quase inexistentes.

As abelhas sofreram rude golpe com o decréscimo das sua “pastagens”, porém a caça continuou em grande abundância, em consequência do regime florestal em que a propriedade se encontra. Aqui vem o Dr. Luís Laia fazer

caçada com os seus amigos caçadores, nanja com os de Perais, que respeitadores da lei e dos direitos alheios, já não se lembram do que seja matar um coelho nas Areias Brancas, apesar de seus vizinhos...

As casas foram construídas voltadas para nascente, mais ao menos ao centro da propriedade.

Senhora dos Remédios

O Monte onde está situada a Ermida da Senhora dos Remédios pertenceu às casas de: Barão de Castelo Novo, Família Garrett, Família Fevereiro, e actualmente aos Herdeiros de Manuel Ramos, de Cebolais de Cima.

Junto da Ermida estão nove casinhotas, dispostas em duas fileiras formado pequena rua, tendo sido construídas duas delas em 1710, por devoção de Manuel Cunha de Oliveira, de Castelo Branco, conforme reza inscrição lavrada numa pedra da parede da que está mais próxima da Ermida.

Uma das casinhotas é para o ermitão e a outra para o padre que ali se deslocar por dever de ofício.

A Ermida da Senhora dos Remédios encontra-se no meio de azinhais, na parte nordeste da freguesia, e às seguintes distâncias em quilómetros das povoações limítrofes: 7 a Perais, a menos 2 de Alfrívada, a 4 de Monte Fidalgo e Lentiscais, a 5 de Vale de Pousadas, a 6 de Cebolais de Cima, a 7 de

Retaxo e Maxiais, a 10 de Malpica, a 15 de Vila Velha de Ródão, a 13 de Castelo Branco e a 20 de Monforte da Beira.

No dia 8 de Setembro de cada ano são organizados festejos em homenagem à Santa, por uma comissão de festeiros das povoações da freguesia.

Neste dia vem à Ermida em romaria, muita gente das povoações vizinhas, incluindo Monforte e a cidade de Castelo Branco.

Vale de Pousadas

É de antiguidade idêntica à de Perais, este lugarejo de 35 fogos com 128 habitantes (censo de 1940), que fica situado no cimo dos barrancos da margem esquerda da Ribeira do Locriz, a 300 metros desta e a cerca de 3,5 kms a norte de Perais, nuns terrenos fortemente arenosos e abundantes em água.

Desta aldeola se vê facilmente, a dois quilómetros sensivelmente para norte, do outro lado do vale da ribeira, o cabeço dos "Castelos" onde esteve erigido um castro luso-romano de que já não existe mais do que os fundamentos das grossas muralhas.

Como o nome do povoado indica, ali fizeram término de jornada os viandantes que por este caminho seguissem da Beira para o Alentejo e não chegassem até Perais, ou provavelmente os que do Porto do Tejo, em Ródão,

se dirigissem pelo vale da ribeira vizinha para Castelo Branco, ou inversamente.

Este caminho devia ter sido muito concorrido anteriormente à construção da Estrada Nacional No. 18 e do caminho-de-ferro da Beira Baixa, que esteve projectado para passar por esta região, mas que a influência de José Aragão, conde de Tondela, fez desviar para Sarnadas, onde tinha uma casa.

Vale de Pousadas nunca teve nem tem qualquer Templo, e quando a sua gente deseja cumprir os deveres religiosos, que não são muito exaltados, vai a Perais, onde também são feitos os enterramentos dos seus defuntos.

Esta povoação pertenceu como Perais à freguesia de Ródão e só em 1849 foi transferida para a de Alfrívada, não sabemos se a seu pedido se por imposição, tal como aconteceu com Perais.

Em 1758, o pároco de Vila Velha informava superior e oficialmente, que Vale de Pousadas tinha sete vizinhos ou fogos.

A pequena distância de Perais, Vale de Pousadas tem-na sempre acompanhado na mesma sorte, ali tendo a escola para os seus filhos e o comércio onde em geral se vai abastecer.

Monte Fidalgo

É indubitavelmente a segunda povoação da freguesia e deve talvez ter a sua origem na residência dalgum fidalgo no lugar.

Devido à pouca beleza do sítio e à aridez e secura da região, onde no entanto se colhe bom trigo, é de crer que o tal fidalgo não fosse de boa vontade para aquele ermo fronteiriço.

Que ele para ali tivesse ido para cumprimento de um desterro, por culpa resultante de qualquer acto praticado na corte, é talvez mais de acreditar.

A sua fundação deve ser antiga, porventura mais que a de Perais, e tem pertencido à freguesia de Alfrívada desde a sua criação.

Na sua área houve os baldios das “Terras das Vilelas”. Terá esta denominação alguma relação com vila ou vilões? Ou teria pertencido a alguma família com aquele apelido?

Monte Fidalgo está situado na elevação de maior altitude da freguesia, um pouco a jusante da foz do Rio Ponsul e no cimo das ribas do Tejo. Do outro lado deste rio é a Espanha onde se avista, em frente, a grande aldeia de Cedilho (vulgo Casalinho).

Na povoação foi edificada nos primórdios do século XX a capela da Senhora de Lourdes, tendo também um posto da Guarda Fiscal desde que esta foi criada em 1885, que esteve desguarnecido cerca de 1890, durante alguns anos.

Em tempos passados a aldeia era constituída por dois lugarejos próximos: o Monte Grande e o Monte Pequeno, cada qual formado por uma só rua, orientados paralelamente a uma linha de água que os separa.

No seu aro há muitas oliveiras cuja azeitona é moída num lagar de azeite existente.

No censo de 1940 a população de Monte Fidalgo era de 97 fogos com 329 habitantes.

Está elaborado o projecto de estrada entre Perais e Monte Fidalgo e a sua construção requerida.

A sua mocidade tem frequentado a escola de Perais, donde dista 5 kms. Mas recentemente foi ali criado um posto escolar cuja regente ministra a instrução primária com excepção do programa da 4ª. Classe que dentro de toda a freguesia só é dado nas escolas oficiais de Perais.

Alfrívada

Actualmente é uma povoaçãozinha de 19 fogos com 127 habitantes, situada na parte nordeste da freguesia dando-lhe o nome.

Em 1708 já Alfrívada constituía freguesia como se pode ver no Tomo II da *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do famoso Reyno de*

Portugal,¹ publicado naquele ano pelo Padre António Carvalho da Costa, que o ofereceu a D. João V. Descreve Alfrívada como tendo 30 vizinhos com uma igreja paroquial, curado e três ermidas.

A respeito de Alfrívada, respondeu o seu cura em 1758 a um questionário que o Marquês de Pombal mandou enviar a todas as paróquias do reino depois do Terramoto de 1755 (do seguinte modo):

“- Está na Província da Beira Baixa, é do Bispado da Guarda, comarca de Castelo Branco, termo de Vila Velha de Ródão e cabeça de freguesia.

- Tem este lugar onze vizinhos e trinta e seis pessoas.

- Está situado em um vale do qual não se descobre povoação alguma.

- Não tem termo seu.

- Está a paróquia no princípio do lugar e a ela pertence um lugar que se chama Monte Fidalgo.

- Seu orago é Santo António que está no altar maior, e tem mais dois altares colaterais, um de Nossa Senhora do Rosário e outro do Santo Nome de Deus, e não tem irmandade alguma.

- O pároco dela é cura anual apresentado pelos fregueses. Tem de renda setenta alqueires de trigo e quinhentos reis para vinho e hóstias.

¹ NE. Verificável na Biblioteca Nacional de Portugal em <http://purl.pt/434>.

- Tem esta freguesia duas ermidas, a saber: uma de S. Miguel no mesmo lugar, e outra de Nossa Senhora dos Remédios fora do lugar e pertencem ao povo.

- À ermida de Nossa Senhora dos Remédios vem muita gente de romagem em todo o tempo do ano, principalmente do dia de S. Bartolomeu até ao de Todos os Santos.

- Os frutos que colhem os moradores em maior abundância são o trigo, o centeio, e algum azeite.

- Serve-se este lugar do correio de Castelo Branco, que dista deste três léguas.

Dista este lugar da cidade da Guarda, capital do Bispado, dezassete léguas e de Lisboa, capital do Reino, trinta e cinco léguas.

- Não tem esta freguesia serra nem rio algum de que se possa fazer menção.

- Nada há a referir do Terramoto.

O cura Manuel Dias (Assinatura)”

Em 1849 foi a freguesa de Alfrívada acrescentada com as povoações de Perais e Vale de Pousadas que até então pertenceram à de Vila Velha de Ródão.

Situada numa zona sazonal, Alfrívada, que outrora foi o povoado maior e mais florescente, nas terras baixas da Ribeirinha, foi-se deixando ultrapassar

pelas outras povoações, de tal modo que, em Abril de 1879 a Igreja Matriz e a sede da freguesia mudaram para Perais, povo mais progressivo, situado sensivelmente a meio caminho entre aquela aldeia e a sede do concelho.

O nome de Alfrívada com o vulgar prefixo árabe “al” faz-nos supor que já no tempo do domínio mouro existiu no mesmo lugar, ou próximo, outra povoação com nome igual ou semelhante, cuja designação os habitantes cristãos mais tarde adoptaram.

Na igreja de Perais há um livro que veio da de Alfrívada e no qual está registada a despesa de 1500 reis feita com o conserto do telhado e reboco de cal em 1822, o que indica que já nesta data estava velha. Hoje está completamente derruída, bem como a ermida de S. Miguel que também ali esteve erigida, e que em 1879 já não devia estar em bom estado de conservação, pois a provisão que permitia que a imagem de S. Miguel ficasse em Alfrívada não dizia que ficasse na ermida, mas sim na Igreja, sinal de que esta estaria, apesar de tudo, menos arruinada.

Em Alfrívada houve uma estação romana.

A maioria dos prédios rústicos da sua área está na posse de indivíduos da Terr’Alta, designadamente residentes em Retaxo e Cebolais. Daqui é a proprietária do Monte da Senhora dos Remédios e da Vinha do Tourão, as melhores e mais vastas fazendas da região.

Alfrívada tem agora um posto escolar que já funciona há alguns anos. Antes da abertura deste posto raro era o Alfrividense que sabia ler.

Sobre a Ribeirinha foi construído em 1945 um pontão, próximo do forno da Telha, um pouco a montante da povoação, onde também existe um lagar de azeite.

Os franceses das invasões napoleónicas também chegaram a Alfrívada onde roubaram uma junta de bois, pelo menos.

Urbanização e necessidades de Perais

Há realizações, há serviços que não devem, não podem esperar, que são urgentes na sua efectivação e cuja falta de execução pode ocasionar graves prejuízos de ordem moral ou material.

É com esta ideia presente que apontamos, por sua ordem de urgência, segundo nossa opinião, os melhoramentos que Perais está a pedir, e lembramos outros que seria interessante que fossem levados a efeito, embora para alguns não se veja possibilidade de próxima realização.

Telefone: o telefone é obra de progresso e a ele é indispensável...

No caso de uma freguesia em que a sua sede dista duas léguas dos postes telefónicos mais próximos, a sua instalação é uma necessidade urgente, mais fortemente comprovada se nos lembramos que no caso de chamada urgente de médico a Ródão, demora esta o tempo mais que suficiente para se morrer sem assistência antes da sua chegada.

Mas ainda o caso pode agravar-se, pois à chegada a Ródão pode-se não encontrar médico algum, o que, como é obvio, obriga a recorrer telefonicamente dali para Castelo Branco ou outras terras, o que ocasiona maiores demoras e consequentemente maiores sofrimentos, ansiedade e perigos.

Com o telefone instalado em Perais, além de outras vantagens por demais evidentes, podem-se evitar sobressaltos e desgostos irreparáveis...

É pois um dever moral a instalação de um posto telefónico em Perais que trará benefícios idênticos às populações de Monte Fidalgo, Vale de Pousadas e outros povoados menores, num total de 1400 pessoas, aproximadamente.

Calçamento das ruas: Algumas ruas encontram-se com o calçamento em muito mau estado, com perigosas covas que facilmente podem provocar quedas, especialmente de noite.

A renovação das calçadas de Perais é pois uma necessidade, não só sob o aspecto urbanístico, mas também no de comodidade e até de segurança dos transeuntes.

Nota: Foi feito o pedido para conserto, concedida a participação, mas infelizmente esta está em riscos de não ser utilizada!!!...

Assistência: Pode-se dizer que em Perais é nula a assistência tanto médica como social. Ali não reside nenhum médico e nem os recursos da freguesia, tal como estão distribuídos, dariam para a sua manutenção.

A freguesia não é pobre de todo, mas os maiores e melhores proprietários, como a Coutada, Locriz, Vidigueira, Areias Brancas, Urgueira, Lameira, Senhora dos Remédios, Vinha do Tourão e outras, estão na posse de pessoas que residem nas povoações vizinhas e que para elas chamam os lucros auferidos, enriquecendo-as em detrimento de Perais e das restantes povoações da freguesia.

Enquanto tal se der não será muito viável qualquer modificação da actual situação assistencial, a não ser que os donos daquelas propriedades voluntariamente contribuam para isso, ou, no caso de egoísta incompreensão serem as mesmas fazendas colectadas com cotas proporcionais aos lucros produzidos que reverteriam para uma Casa do Povo ou qualquer outra instituição de assistência dentro da freguesia.

Sem dinheiro nada se pode fazer e ele não se pode ir buscar onde não o haja.

Um dos primeiros passos a dar é a organização do cadastro dos que mais precisam, sem esquecer também os que mais podem.

Os médicos municipais também têm ignorado lamentavelmente o estipulado no art.º 150º. do Código Administrativo.

Além disso, uma povoação com cerca de 600 habitantes como é Perais não está bem sem lá residir ao menos um enfermeiro idóneo que possa orientar os doentes e tratá-los com competência, administrando-lhes os primeiros socorros antes da chegada do médico, e na ausência deste, mediante a sua receita.

Qual será a primeira rapariga que vá a uma escola de enfermagem, por exemplo, São Vicente de Paulo, ou Instituto Ravara em Lisboa, ou qualquer outra escola noutra terra, tirar o curso de enfermeira e parteira e venha fazer os tratamentos adequados aos doentes e às parturientes de Perais?

Aquela que o fizer adquira um modo de ganhar a vida e serve a sua Terra.

Luz eléctrica: A luz eléctrica é testemunho de civilização e progresso da terra onde está instalada. Não se justifica que uma aldeia com evidente vontade de progredir, sede de freguesia e com cerca de 600 habitantes, esteja sem luz eléctrica em meados do século XX (o século das luzes!...), em que se fala da era atómica.

Além das muitas vantagens que a luz eléctrica barata daria à população e que é ocioso enumerar, traria mais a de fazer substituição do azeite na iluminação doméstica, com o que se pouparia boa quantidade do precioso óleo que poderia ter melhor utilização.

Há portanto toda a vantagem que se faça o mais breve possível a instalação da luz eléctrica, cuja cabine transformadora poderá servir para todas as freguesias do concelho que inacreditavelmente está todo às escuras ...em noites sem luar...

Recentemente começou-se a falar na electrificação dalgumas freguesias do Concelho. É já caso dos Peraenses terem esperança, pois é racional que as quatro sedes das freguesias sejam as primeiras povoações a receber este

melhoramento, tanto pela categoria como ainda por serem as de maior população.

A um quilómetro de Perais passam os cabos de alta tensão que conduzem a energia da Barragem de Nisa para Castelo Branco.

Ponte sobre o Ribeirão: Uma ponte no Ribeirão, para servidão das pessoas que no inverno tenham de ir à Junqueira, Malhadinha, Azenha do Cachão de S. Simão, etc., é obra que não deve esperar pela sua realização.

São conhecidas as grandes cheias que em dias de chuva o Ribeirão toma quase repentinamente, obrigando as pessoas que se encontrem na margem esquerda e tenham que regressar a Perais, a dar uma volta enorme que lhes causa bastante incómodo e algumas vezes prejuízos.

Conhecemos os desastres que a sua impetuosa corrente tem provocado, quando em ocasiões de enchentes alguns temerários se aventuram a transpô-lo.

Pois antes que tenhamos a lamentar algum desastre mortal, o que felizmente nunca se deu, reúnam-se boas vontades e os meios necessários e faça-se a ponte sobre o Ribeirão. Mas uma ponte tecnicamente bem construída com condições para longa duração e tendo em atenção que em dias futuros por ela poderá passar uma estrada, a ligar à que de Espanha parte da foz do rio Sever.

Estrada para o Monte Fidalgo: A continuação da estrada no. 355 de Perais para Malpica, com ramais de ligação para Monte Fidalgo e Alfrívada, é de

grande vantagem para a região que tem vivido esquecida, sem vias de comunicação capazes que lhe facilitem o desenvolvimento.

O projecto da estrada entre Perais e Monte Fidalgo está estudado, a sua construção solicitada, e a continuação para Malpica, Rosmaninhal, etc., prevista no Plano Rodoviário de 1946.

Diz-se que a estrada ao ser continuada não passará pelo centro de Perais, mas seguirá pela sua periferia do lado sul, aproximadamente na direcção da pequena recta da Eira dos Ratinhos, pelo Barroco e pelo Cemitério, donde inflectirá para o Moinho de Vento em direcção aos Moutais.

Pelo facto do tráfego ser desviado da povoação, gostávamos mais que fosse aproveitada a parte da estrada já construída até ao posto da Guarda Fiscal e daqui directamente ao Adro, pela Rua do Forno, ainda que tenham de sacrificar-se em parte ou no todo um ou dois prédios. Para diante do Adro, em direcção à Fonte Nova, já a rua tinha largura suficiente para a estrada que seguiria sensivelmente o actual caminho até aos Moutais.

Outra solução também mais do nosso agrado, é a da construção dum troço novo de estrada desde a casa de Rosária Lopes até à de Paulina Rodrigues, e daqui ao Adro, para seguir depois pela Fonte Nova.

Mas se por razões ponderosas dos engenheiros ou doutras entidades a estrada tiver de contornar Perais pelo Barroco e Cemitério, uma coisa deve a Junta de Freguesia aprontar-se a fazer: o aceso fácil de todos os caminhos que irradiando de Perais forem entroncar à estrada. Para isso terão de ser

demolidas as casitas do Largo da Estalagem que estão em frente da rua que desce do Adro e que obrigam à curva apertada do caminho da Fonte, sem esquecer o ramal do Adro aos Moutais.

Neste último local, junto do vértice leste da Tapadona, ficaria o Entroncamento da Freguesia, donde irradiariam a estrada para Monte Fidalgo, os caminhos de Alfrívica e de Vale de Pousadas, Urgueira e Terr' Alta, designadamente Cebolais de Cima.

Uma nova estrada partiria do “Entroncamento” para o Cachão de S. Simão, através do Ribeirão e da Junqueira.

Esta estrada terminaria por um mirante ou esplanada com o nome, por exemplo, ARLUSO, a lembrar, em virtude da proximidade da fronteira, que ali é Portugal.

Como os espanhóis já têm uma estrada de Cedilho à foz do rio Sever, no Tejo, ficaria assim estabelecida mais fácil ligação com o povo vizinho, com, o qual desejamos mútua amizade e compreensão.

Deste modo, com tempo, dinheiro e boa vontade, as centenas de metros que medeiam entre o Cachão e a foz do Sever (raia) poderiam transformar-se em estância de férias e repouso – praia dos pobres – não só para o povo de Perais, mas ainda doutros das proximidades, incluindo Cedilho em Espanha, sendo para tal conveniente a plantação de árvores frondosas nas margens do rio para poder gozar-se-lhes as frescas sombras.

No mesmo Entroncamento (vértice leste da Tapadona), depois de aberta uma fonte na pedra existente, e de diligenciar-se junto do proprietário João Laia Nogueira ou seus Herdeiros, em complemento da autorização para a abertura de poço público, que consentissem na cessão à Junta de Freguesia, do trecho de terra desgarrado da Urgueira, à esquerda do ribeiro do Juncalinho e a norte da Tapadona, principiar-se-ia o futuro Parque de Perais, onde a “Fonte do Parque” forneceria a água indispensável para a rega das ainda jovens olaias, plátanos, cedros e outras árvores, que mais tarde protegeriam os beiratejanos e seus hóspedes das canículas estivais.

Neste pedaço de terra, que decerto o seu proprietário não negará à população da freguesia que tanta riqueza lhe dá, seriam preparados, além da Fonte e do Parque-bosque, os campos desportivos para futebol e voleibol.

O local, tendo o inconveniente de estar um pouco afastado de Perais, tem por outro lado a vantagem da sua situação central entre todas as povoações da freguesia, onde a mocidade de Monte Fidalgo, Vale de Pousadas e Alfrívica podia vir aos domingos a confraternizar desportiva e amigavelmente com a de Perais, quase como estando na sua Terra. Tem também água, condição indispensável a um parque de desporto.

Este Parque seria o sítio indicado para se ir comer uma merenda festiva, um piquenique, como dizem os ingleses e seus émulos. E no dia de Todos os Santos a mocidade ir fazer os seus magustos em bela confraternização e alegria, como noutros tempos se ia ao Canto Ferreiro.

Telhada: Outro ponto susceptível de se tornar pitoresco é o da Fonte da Telhada, com a sua boa nascente.

Com sombra espessa e água em abundância, eis um sítio que convida a ser visitado pelos encalmados, quer de vida permanente em Perais, quer aqui a veranejar.

Anteriormente à plantação das árvores, há que aumentar o reservatório da fonte ampliando-a, assim como o caminho do local por onde deve passar um carro com qualquer carregamento, sem incomodar as lavadeiras nos batedouros.

O lavadouro público aqui localizado, há também que ser melhorado com a construção de alguns firmes e amplos batedouros, com a respectiva cobertura a resguardar da chuva.

E para que a obra fique acabada, o caminho da Fonte Velha à Lomba da Barca, terá que receber arranjos que lhe transformem a feição e estado actuais.

Um Mirante: O sítio da Telha, no cimo da ribanceira do Tejo, ao Alagadouro, é outro ponto digno de embelezamento. Um pouco de terreno aplanado, um muro, algumas árvores e dois ou três poiais seriam suficientes para ali ficar existindo um mirante agradável, donde se disfrutaria a paisagem brava das abruptas margens tejanas e o rio prisioneiro, torcendo-se como enorme jibóia, lá no fundo.

Praça do Comércio: Não se deve perder de vista a possibilidade de no futuro vir a existir em Perais uma ampla praça central – a Praça do Comércio, por exemplo, fronteira à Igreja e que deverá abranger o espaço ocupado pelas residências de Joaquim Roque e Rafael Ferro e pelos dois quarteirões nas suas traseiras, formando a quelha do Reluto.

Esta praça, desde a casa de António Pires Cunha à de José Vilela e da de Manuel Ferro à de António Rodrigues, seria, em virtude do nome de Perais, plantado de pereiras na área desnecessária ao trânsito, e no meio da qual seria levantado edifício próprio para a Regedoria e Junta de Freguesia, rematado por uma torre com relógio a dar horas para todos, e no qual o médico do partido municipal daria as consultas semanais de que fala o artigo 150º. do Código Administrativo.

Praça da Agricultura: A ampliação do largo onde moram Francisco Gomes e Agostinho Mateus, também valorizará Perais.

A futura praça devia ser acrescida com a área dos “chões” compreendida entre o largo existente e uma linha que partindo da esquina da casa de Joaquim Carmona, se dirija sensivelmente para sul, paralelamente à frontaria da residência de Agostinho Mateus.

Deste modo a ruela que desce da Rua de Cima ficaria a desembocar em plena praça que poderia denominar-se da Agricultura, e na qual seria interessante plantarem-se, constituindo o produto dos seus frutos receita para a Junta de Freguesia, meia dúzia de árvores (oliveira, azinheira, sobreiro, figueira, ameixoeira e...) em representação das espécies mais numerosas da região.

Abastecimento de água: No que respeita ao abastecimento de água, que por ora não há nenhum problema agudo a resolver, deve no entanto deitar-se a vista para o futuro. Assim, talvez haja viabilidade de reunir em um único depósito, as águas das Fontes Velha e da Telhada e da Mina..., e por meio de motor impulsiona-la para um segundo depósito a construir na povoação, donde passaria ao Chafariz e deste às “talhas” ... se não se quiser considerar a canalização ao domicílio.

Muito maior alcance teria o abastecimento de águas utilizando o depósito inesgotável do rio Tejo, com as quais se poderia regar as arenosas e secas terras da Região, tornando-as férteis.

A despeito do seu elevado custo, que possivelmente não teria compensação no aumento da produção agrícola, este empreendimento se tivesse realização algum dia, transformaria completamente a fisionomia e a riqueza de Perais.

Com água do Tejo armazenada abundantemente no sítio do Moinho de Vento, ou noutro local apropriado, era inadmissível a ausência de canalização de águas e rede de esgotos em Perais.

Poderão os Peraenses festejar alguma vez a realização do sonho de hoje?...

Outros apontamentos de obras a efectuar

a) Ligação do beco do “Lagar Velho” à Rua da “Fonte Nova”, junto à residência de Joaquim Alves.

b) Seguimento directo da Rua Nova do Lagar, desde o extremo norte da Rua de Cima à Praça da Agricultura, aproveitando o troço recto da ruela que ali começa entre as residências de Francisco Gomes e de Joaquim Carmona.

c) Ligação dos becos existentes nas ruas da “Fonte Velha”, entre as residências de José Gomes Vicente e de Alfredo Ribeiro, e na do Cabeço a oeste da propriedade de José Vilela.

d) Alargamento da quelha dos Palheiros, entre a casa de Rosária Lopes e a Rua de Baixo e levar a efeito o seu prolongamento até ao Barroco (no caso de a estrada não passar por aqui), Casona, Cemitério, Moinho de Vento e Moutais.

Aliás, devem ser alargadas todas as azinhagas de modo que por elas possam ser transportadas carradas de toda a espécie, com “largos” nas mais compridas, para se poderem cruzar os carros.

e) Alinhamento dos prédios ao longo das ruas, dando a estas um pouco mais de estética, e acabamento assim com os cantos-urinóis que às vezes se observam.

f) Construção de uma “Casa de Espera” na Portela (Vargem Preta), onde se possa recolher e abrigar das intempéries, quem espera pelas camionetas da carreira Évora-Castelo Branco e vice-versa, e cujas paredes podiam ser utilizadas para propaganda.

g) Construção de um edifício para conjuntamente servir de matadouro e talho, onde todo o serviço relativo à matança e venda de carne ao público se possa fazer em razoáveis condições higiénicas.

h) Pôr-se fim ao cotovelo existente no caminho da Urgueira, à barroca da Ramalha. A resolução do problema parece fácil: o caminho seguiria a direito, enquanto a parte do cotovelo actual passava a fazer parte do “Chãozinho”, que deste modo aumentaria a extensão.

i) Colocação de uma placa de cimento à entrada de Perais no extremo sudeste da recta da “Eira dos Ratinhos”, onde o caminho da Barca deixa a estrada, e esta, inflectindo para leste e descendo em direcção à povoação, segue ladeada pelos muros dos “Chões” e à sombra das suas oliveiras e figueiras.



j) Aquisição de um caixilho envidraçado para afixação dos Editais, Avisos, Anúncios, informações, etc., dimanados das autoridades, quer municipais, quer paroquiais, evitando-se assim serem afixados na porta da Igreja, como actualmente, o que provoca a sua deterioração prematura.

O lugar próprio para este mostrador é no edifício da Regedoria, mas enquanto este não estivesse construído, colocar-se-ia num lugar público escolhido.

k) Plantação quanto antes, de um renque de árvores no sítio da Barca, tendo em vista que num futuro próximo o local se tornasse num rincão apetecível de frescas sombras.

l) Promover-se a arborização mais intensa dos terrenos pouco arborizados, o que é de dupla vantagem, pelo aumento da produção que se daria e pela influência no clima que se tornaria mais húmido e fresco. Terras que nada produzem, se estivessem com pinheiros, por exemplo, sem dúvida que teriam maior utilidade para os seus proprietários, além de contribuírem para o bem geral.

m) Análise das águas, para que um doente não tenha a possibilidade de agravar os seus males, bebendo as menos indicadas, ou, ao contrário, as possa atenuar, bebendo as mais apropriadas.

Análise também das terras para que os adubos utilizados na sua fertilização sejam os próprios e não tenham um efeito contraproducente...

n) Ampliação do cemitério, atendendo não só às necessidades presentes, mas também às do futuro; organização de um índice dos covais de modo a poderem-se identificar e as datas em que foram feitos os enterramentos. Para evitar equívocos desagradáveis na abertura de outros...

Para tanto só é preciso um pouco de boa vontade, uns cadernos de papel e umas cruzetas de ferro numeradas, podendo este assento ficar a cuidado do ajudante do posto do Registo Civil, ou do pároco quando o houvesse.

o) Murar e terraplanar o terreno adjacente à escola masculina e destinado ao recreio dos rapazes;

- Reparar e libertar das desprestigiadas ruínas suas vizinhas, a escola do sexo feminino; além de representarem desmazelo aquelas paredes a cair são ainda um perigo para as meninas que perto brinquem descuidadamente.

O desleixo poderá ser desculpável...por vezes...mas numa escola é que nunca! Esta deve ser o espelho onde as crianças se possam mirar com satisfação, porque é nela que elas adquirem hábitos (ou podem adquiri-los...) que jamais as abandonam pela vida fora até à morte.

Do asseio, da moral, do civismo e das associações

1) A justiça e o reconhecimento são predicados que enobrecem os homens. João Lopes Esteves, que casou e residiu em Perais, merece o reconhecimento dos seus naturais pelo trabalho e acção que desenvolveu em sua defesa e engrandecimento. Pode concretizar-se essa gratidão, que lhe devemos, dando-se o seu nome a uma das ruas de Perais, sua terra adoptiva; e essa rua, salvo melhor opinião, deve ser a que vai da Igreja ao Cemitério, em virtude de a mesma ligar dois melhoramentos que são testemunho da sua actividade em prol de Perais que valorizou.

2) Persuadir os Peraenses a manterem bem limpas e varridas as ruas, dando assim à aldeia um agradável aspecto de asseio e arrumação, a impressionar bem o visitante.

Aos domingos de manhã, por exemplo, e sempre que fosse necessário, haveria vassourada geral, ou por livre vontade das moradoras, o que seria muito interessante como manifestação de civismo, ou a cuidado da Junta de Freguesia, que faria juntar numa montureira o lixo produzido e o venderia para receita da junta.

3) Acabar de uma vez para sempre com os despejos na via pública. Os entulhos e restos de obras ou qualquer outro lixo devem deixar de ser amontoados nos largos, ruas e caminhos, onde não só dão um péssimo aspecto, como também, por vezes, prejudicam o trânsito. Acima da eventualidade do interesse de um está o interesse geral.

4) Estimular os habitantes a colocarem nas janelas e varandas vasos com flores e a criarem nos recantos das ruas, as possíveis latadas o que tornaria Perais mais típica, mais fresca e ainda com a vantagem de alguns dos seus moradores poderem colher uvas para a sobremesa, de dentro da própria casa de jantar!

5) Incitamento à população para que, conforme as posses, reboquem e caiem as suas casas, de modo a que o aspecto de Perais seja mais alegre. Casos especiais há, como a casa de António Valente no topo norte da Rua de Cima, que em razão da sua situação, devia ser rebocada e caiada o mais breve

possível, pois, a alvejar, passaria a ser a melhor identificação de Perais para quem viajasse pela Terr' Alta e Castelo Branco.

As casas de José Gomes e dos Barretos e o palheiro da Tia Amália, no centro da aldeia, estão a pedir, além de cal, as paredes levantadas para não destoarem da vizinhança...

6) Mostrar-se ao Povo que deve terminar-se com o velho costume de nas noites de S. João se sacrificar uma árvore na fogueira do adro.

Representa este hábito um prejuízo que não se justifica, pois a tradição pode e deve manter-se, mas fazendo a fogueira pública mas sem árvore.

7) Persuadir o Povo, especialmente as mulheres, de que os “ralhos” são tristes espectáculos que só deprimem os que os provocam e alimentam.

Em nome do decoro e do respeito que devemos ao próximo e a nós próprios, os “ralhos” têm pois de acabar.

8) Aconselhar aos padrinhos que o vierem a ser, de que devem “adivinhar” a vontade dos pais dos afilhados quanto ao nome que lhes houverem de pôr. Convidando os pais dos recém-nascidos, pessoas da sua amizade e consideração para serem padrinhos, não é justo que estes, sem os consultarem, imponham determinado nome aos seus filhos. Para corresponderem à consideração dos pais das crianças, os futuros padrinhos devem pôr o nome aos seus afilhados só depois de saberem que os pais gostam dele, pois estes têm mais direito do que ninguém, de gostarem dos

nomes dos seus filhos. Assim é que está certo, e não como até aqui, em que os padrinhos impõem geralmente os seus nomes aos afilhados.

9) A criação do “Grupo de Amigos de Perais” com sede nesta terra.

Este “Grupo” teria essencialmente a missão de estimular um são e compreensível bairrismo nos naturais de Perais, reunir todas as boas vontades dos seus amigos, mesmo oriundos doutras terras, e fazer o possível por conseguir a convergência dos esforços de todos, no interesse da povoação, para a qual podia estabelecer planos de obras que exporia através de circular aos Associados.

Para o fim devia o Grupo organizar para manter actualizada, uma lista dos Peraenses e de seus filhos emancipados (e respectivas moradas) que residam fora da área da freguesia.

10) Organização de um Clube ou Sociedade com o múltiplo fim de instruir, recrear e orientar a mocidade para a prática de ginástica e desporto.

No aspecto instrutivo seria o prolongamento, a contiguidade da escola primária, procurando que os rapazes após os exames não só mantivessem em dia os conhecimentos adquiridos, mas até aumentá-los, especialmente sob o aspecto prático da vida.

Com biblioteca e sala de leitura (com mapas, um jornal diário pelo menos e uma revista no género de “Ver e Crer”), procurar-se-ia criar em cada frequentador o gosto pelo estudo e o amor ao saber, de modo a aumentar sempre os seus conhecimentos literários e técnicos, teóricos e práticos. E

como a ignorância da lei a ninguém aproveita, o “Diário do Governo” ali estaria à mão, para consulta de todos.

Ali dariam lições, consoante as suas aptidões, e claro está, a sua boa disposição para tal, sobre assuntos que escolhessem e em jeito de conversa, todos os que se achassem aptos a ensinar alguma coisa.

Assim o estudante falaria sobre temas literários e de ciência, na medida dos seus recursos e da compreensão dos ouvintes; o enfermeiro sobre enfermagem e higiene; o empregado de escritório de correspondência e dactilografia; o viajado do que viu; o mecânico, o telegrafista, em suma todo o especializado, se assim o entendesse por bem, falaria sobre assuntos relativos ao seu mister.

Seria uma espécie de curso de férias, em que os veraneantes palestrando entre amigos e por vezes antigos companheiros, lhes dariam aquele prazer que nasce com a aquisição de novos conhecimentos, recebendo em troca a compensação inestimável da sã alegria que sempre nos ilumina o espírito depois de praticarmos boas acções.

Deste modo receberiam, todos aqueles cujo mundo se resume ao horizonte da aldeia, benéficos ensinamentos que os habilitariam a melhor poder enfrentar a luta pela vida.

A respeito da pronúncia, lutar-se-ia com devoção pelo seu aperfeiçoamento, o que requereria persistência e persuasão em virtude da tradicional má maneira de dizer estar arraigado nas falas dos laboriosos aldeãos.

Na verdade, ao deixarem o sossego das aldeias em troca do turbilhão da vida nas cidades, muitas e preciosas coisas podiam os camponeses saber para lhes evitar tantos desairezinhos...

Assim, a agremiação desenvolveria uma actividade que seria o melhor e mais útil recreio dos associados.

Mas existiriam também divertimentos como jogos, telefonia, bailes, recitais e, conforme as possibilidades, sessões cinematográficas.

Estimular-se-ia quanto possível o gosto e estudo da música, essa arte embaladora da alma! E quando um dia houvesse possibilidade, organizar-se-ia um agrupamento musical, com o concurso, se o desejassem, de elementos de toda a freguesia.

A par da música, e conforme as vocações que sempre aparecem, estudar-se-iam os rudimentos de outras artes, tendo sempre em vista a formação e desenvolvimento do bom gosto, donde derivaria uma natural inclinação para a estética, para o culto do belo.

Promover-se-iam concursos de quadras, ou quaisquer outras modalidades literárias compatíveis com o grau de conhecimentos da população, abrindo assim a possibilidade de arquivo de tantos mimos de observação, de graça e de ironia, que o estro popular gera e que uma indiferença inexplicável deixa perder sob a poeira do esquecimento!

O clube, quando isso fosse possível, teria sede apropriada, com o número de divisões necessárias às suas actividades que seria edificada numa das praças do Comércio ou da Agricultura, de preferência.

A sua receita, constituída normalmente pelas cotas ordinárias dos sócios, seria reforçada pelas cotas extraordinárias e pelas dádivas dos amigos de Perais, ausentes, sem esquecer também a contribuição dos abastados proprietários na freguesia que entendessem ser beneméritos.

Satisfeitas as despesas ordinárias, o saldo positivo da agremiação teria o elevado fim de auxiliar os estudos dos filhos da terra, que na escola primária se revelassem excepcionalmente inteligentes e aplicados, se estes predicados continuassem a mostrar-se nas escolas secundárias e superiores.

Este princípio da protecção à inteligência, praticado em grande amplitude, que não só em Perais, teria a virtude de não deixar perder, ignorados sob a choça de algum pastor, ou entre as quatro paredes da pobre casa de um jornaleiro, aquelas centelhas espirituais que tão alto podiam levantar o nome da Pátria ao serviço da Grei.

Haveria desta maneira um melhor aproveitamento das qualidades intelectuais do povo, o que racionalmente faz aumentar um Portugal ainda maior e mais prestigiado!

Semelhantermente se podia proceder no campo desportivo, apurando-se anualmente quais os rapazes mais velozes e resistentes em corridas pedestres e de natação, melhores saltadores, etc..

Assim praticar-se-ia, dentro dos limites que o factor humano e o ambiente tornassem possíveis, todas as modalidades de desporto, assim como ginástica.

- O Voleibol, porém, parece-nos ser o de maior viabilidade para já, em razão da sua relativa facilidade de aprendizagem e execução e ainda dos poucos elementos que são necessários para compor as equipas.

- A Natação, bastante praticada no rio Tejo, embora desordenadamente e sem grande correcção, podia e devia adquirir organização e aperfeiçoamento, o mesmo se podendo dizer relativamente à prática do remo.

Nas duas modalidades se podiam estabelecer provas anuais de campeonato, para apuramento dos mais fortes. As provas podiam ser, por exemplo, as travessias simples e duplas do Tejo.

- O Ciclismo, tal como o atletismo nas modalidades de corridas, saltos e lançamentos, são susceptíveis de ser praticadas e desenvolvidas.

- Quanto a Futebol, a breve prazo, não se pode pensar a sério na sua prática pelo motivo da ausência de praticantes e das muito reduzidas possibilidades em fazer jogadores.

Assim, e apesar de todas as dificuldades, era possível fazer-se a selecção dos recordistas de natação, saltos em altura e comprimento, corridas de velocidade e de fundo, etc., aos quais a título de estímulo, seria entregue um diploma ou medalha.

Creemos que deste modo se faria uma selecção natural dos rapazes com maiores qualidades atléticas, e que, se o processo fosse alargado a todas as freguesias de Portugal o seu desporto sentiria uma melhoria em consequência da revelação e aproveitamento de muitos valores que nas condições actuais se perdem.

Mas a Sociedade poderia ainda desenvolver o espírito associativo dos Peraenses, organizando passeios, para os quais grupos de amigos voluntariamente pagariam cotas especiais durante o ano. Assim se desviaria da taberna dinheiro que teria aplicação salutar em excursões que proporcionando a obtenção de conhecimentos geográficos, facultariam ar puro aos pulmões e boa disposição ao espírito, porventura o maior bem desta vida.

Seria ainda chamada a atenção dos sócios para as corporações de bombeiros, escuteiros e outras que representassem altruísmo e espírito de abnegação. Por outro lado, elucidar-se-iam sobre a existência de institutos e escolas profissionais de comércio, indústria, agrícolas, de enfermeiros, etc., algumas nocturnas, que qualquer rapaz trabalhando de dia pode frequentar à noite, desde que possua espírito de sacrifício, força de vontade e renúncia e, claro está, resida em localidade onde as haja.

E para finalizar com a enumeração das actividades da Associação que no decorrer do tempo poderiam aumentar, poder-se-ia publicar quinzenalmente ou mensalmente um pequeno jornal, "MENTOR BEIRATEJANO", por exemplo, onde se faria pormenorizadamente a exposição e apologia do que fica enunciado, bem como a publicação de notícias e informações de interesse local e doutros assuntos de interesse público, tais como os artigos de Leis que

mais convinhem ao conhecimento da população, como ainda biografias dos varões portugueses de maior vulto, dos quais me permito destacar: Infante D. Henrique, Afonso de Albuquerque, Luís de Camões, Salazar, D. João II, Nuno Álvares Pereira, Marquês de Pombal, etc..

Origem de alguns apelidos mais usados pelos habitantes de Perais

RODRIGUES:

Quer em Portugal quer em Espanha, é patronímico de nome próprio de Rodrigo, tendo em Portugal armas próprias e sendo considerado apelido.

Os primeiros Rodrigues são de Valdoleiros (Vale de Oleiros) e de Salamanca ou de Las Varilhas, descendendo os primeiros de D. Afonso V de Leão e os segundos de D. Rodrigo Gomes (filho de D. Ramiro I de Aragão) que ainda vivia em 1137.

- Entre os vários Rodrigues notáveis há um, João Rodrigues, que por assim dizer salvou Diu no seu primeiro cerco, por um acto extraordinário de bravura, atirando com uma jarra de pólvora para as hostes dos turcos, antes do que, dizia aos portugueses: "Deixai-me passar que levo aqui o ataúde para nós e para os inimigos".

A explosão provocou um tal efeito de mortandade e moral nas fileiras dos turcos que estes levantaram o cerco logo depois.

- João Rodrigues de Castelo Branco (*Amato Lusitano*) foi médico dos mais célebres em toda a Europa cujas cortes frequentou no século XVI. Era de origem judaica e foi perseguido tanto em Portugal como no exílio, onde faleceu.

- João Rodrigues (Roiz) de Castelo Branco, poeta de grande inspiração, ajudou Garcia de Resende na compilação do *Cancioneiro Geral*, onde está incluída a sua lindíssima poesia “Apartamento”.

- Mem Rodrigues que comandou a “Ala dos Namorados” em Aljubarrota.

GOMES:

As pessoas deste apelido são descendentes duma família nobre de Itália que por sua vez descendia de alguns patrícios da antiga Roma.

- Entre muitos, Diogo Gomes, familiar do grande Infante D. Henrique, descobriu as Ilhas de Cabo Verde.

ESTEVES: A primeira família deste apelido foi a do fidalgo D. Lourenço Esteves, coevo de D. Pedro I.

MENDES: Já no tempo do nosso rei Fundador, e até anteriormente, uma das famílias mais ilustres do Condado Portucalense, era a de apelido Mendes, da qual foram membros o primeiro governador de Coimbra e o famoso guerreiro Gonçalo Mendes da Maia, O Lidador.

Apêndices

Tradições, crenças e costumes

Casamento:

O dia da semana em que se efectuam mais casamentos em Perais é o sábado, ao contrário de Vila de Rei, onde, neste dia e na sexta-feira não se realizam casamentos (*Etnografia da Beira* do Dr. Jaime Lopes Dias); nas terças-feiras e sextas-feiras ninguém se casa em Perais, por serem estes dias aziagos.

Em Vila de Rei não se fazem casamentos nos dias citados por a igreja proibir que se coma carne, e em Perais a razão da preferência pelo sábado, para a consumação do acto mais importante da vida dos indivíduos, deve ser a da mocidade, geralmente trabalhadora no campo, poder descansar melhor no domingo, da estafa do baile dedicado aos noivos.

Em Perais, como em toda a parte, provavelmente, o acto do casamento é rodeado por uma série de usos mais ou menos característicos.

A família e amigos dos noivos são convidados para a boda.

O primeiro acto consiste em os padrinhos e convidados se reunirem na casa dos pais do noivo e depois das despedidas, acompanhadas de lágrimas,

dirigem-se com ele à casa dos pais da noiva, onde de novo há abraços, beijos e lágrimas, já de saudade, pela partida de uma flor da casa.

Segue então o acompanhamento para a igreja sob os olhares observadores das raparigas e de suas mães, que só por caso de força maior perderão o espectáculo!...

À saída da igreja os noivos e padrinhos deitam amêndoas, confeitos, ervilhanas (amendoins), etc., para gáudio do rapazio que espalhado pelo adro, os apanha com grande entusiasmo.

O acompanhamento dirige-se para a casa onde os noivos se vão instalar, sempre debaixo da observação de mães e das que aspiram a sê-lo...

Logo que os recém-casados entram em sua casa, esta é visitada, indo as “moças ver a cama”, e nesta altura faz-se a distribuição de fatias de bolo de mel, vinho, etc.

À noite, depois do jantar, há baile para todos mesmo que não sejam da boda, com a presença dos esposados onde as raparigas, em conjunto com os rapazes, cantam quadras de parabéns aos noivos, e onde se faz nova distribuição de tremoços e vinho.

Às tantas, os esposados recolhem a sua casa, e ao terminar o baile, já de madrugada, os “moços” acompanhados de um “tocador” dirigem-se à porta do novo casal e fazem-lhe novo descante, dando aos nubentes parabéns e conselhos, em cantigas à desgarrada. Aqui faz-se novamente distribuição de

bolos, vinho e tremoços a todos os presentes, geralmente pelos irmãos ou cunhados dos noivos.

É o casamento que eleva os noivos à categoria de “homens” e “mulheres”, pois enquanto solteiros não passam de “cachopos” e “cachopas” ou de “moços” e “moças”!

“”

Nos dias de enterro, não se come carne nas casas da família do defunto, por a deste ser oferecida à terra.

“”

Das várias citadas na *Etnografia da Beira* já referida são também comuns a Perais:

A tradição dos madeiros a arder no adro na noite de Natal, sendo os rapazes que numa das noites anteriores, “roubando” um carro e os madeiros, os transportam executando toda a tracção, às vezes até alta madrugada.

Na noite de Natal os rapazes percorrem as ruas cantando quadras em louvor do Menino de Jesus.

“”

As crianças por baptizar são “mouras” e por isso “Quem não tem padrinhos morre mouro”.

“”

Para que os dentes nasçam bem às crianças, diz-se ao arrancar-se algum: “pelheirinha, pelheirão, toma lá um dente podre e dá cá um são”, e atira-se o dente para a cinza.

“”

Para estancar o sangue do nariz a alguém, põem-se-lhe duas palhas em cruz na parte superior das costas, sem que a pessoa saiba.

“”

Quando alguém passa descalço no espejeiro dum burro deve cuspir-lhe em cima, para não lhe nascerem pisaduras nos pés.

“”

Nos remoinhos vem o demónio. Quando se vêem, diz-se: “Foge diabo da cruz, que vem lá o menino Jesus”.

“”

Para curar as fogaens da pele que causam comichão, costumam os homens e as mulheres, vestir ainda quente a roupa de baixo do outro sexo.

“”

Quando se mata uma sardanisca, ou se lhe corta a cauda, esta salta e movimenta-se muitas vezes. Alega-se que está a contar a Deus os pecados de quem a matou. Por isso quem a matou, para impedir essa revelação, diz: “conta os teus, não contes os meus”; “conta os teus, não contes os meus”, até que a cauda deixe de mexer.

“”

Nas noites de Carnaval, por brincadeira ou por pirraça, às mulheres que ralham deitam-se telhas, panelas ou potes velhos de barro para as casas, fazendo “caqueiradas”.

“”

Terra onde se agarram muitos pássaros nos ninhos e com “costelas”, as andorinhas estão isentas de qualquer perseguição e se fortuitamente alguma for morta isso é causa de pena.

“”

É também tradição que a Sagrada Família na sua fuga para o Egipto amaldiçoou os tremoços por, estalando, a quererem denunciar, tal como a noitibó com o seu “cá vai”, “cá vai”. Pelo contrário, a cotovia dizendo “mentira”, “mentira”, e “não o vi”, “não o vi”, e apagando os sinais feitos por ela, desorientou os fariseus, sendo por isso abençoada.

Terra-Natal

O amor que cada um tem
À sua Terra-Natal,
É amor a Portugal,
É amar a sua Mãe.

É amor que não se esvai
Desde a infutilidade
É amor e saudade
A seus irmãos e seu Pai.

É recordação dos passos
Dados na aurora da vida.
É lembrança de amigaços
Da infância apetecida.

Ao zelo por minha Terra
Há quem lhe chame bairrismo,
Mas àquilo que ele encerra
Chamo eu patriotismo.

O Povo de Perais

Quer o povo de Perais
Dar seu nome à freguesia,
Justiça que com certeza
Há-de ser feita algum dia.

Perais de sangue plebeu,
De gente trabalhadora,
Tu és a aldeia que eu
Acho mais encantadora!

Dum lado tens as Barreiras
Do outro o profundo Tejo.
E no meio estão as terras
Dos estranhos, em sobejo...

O Tejo e Montes do Laia
São vizinhos de Perais;
Com tais colossos na raia
Presas estão cada vez mais...

Ao sul as ribas do Tejo,
Ao norte estão as Barreiras,
Ao centro ficam as terras
De azinhos e oliveiras.

1947



O Autor (o sexto a contar da direita) entre um grupo de militares da 7ª. Bateria Anti-Aérea Expedicionária na Ilha da Madeira, em Janeiro de 1941, durante a 2ª Guerra Mundial.



O Autor (o terceiro a contar da direita), à civil, na Ilha da Madeira, em Janeiro de 1941.